

REVISTA DE ENSINO

ORGAM

DA

Associação Beneficente

DO

PROFESSORADO PUBLICO DE S. PAULO

Publicação trimestral sob os auspícios da Directoria Geral do
Ensino Publico

NUMERO I

Comissão de Redacção: RENÉ BARRETO, MIGUEL CARNEIRO JUNIOR,
JOSÉ MONTEIRO BOANOVA e ARISTIDES DE MACEDO.

BIBLIOTHECA PEDAGOGICA CENTRAL
DA DIRECTORIA GERAL DO ENSINO
SÃO PAULO

Sala..... Prateleira.....

Estante..... N. de ordem.....

SÃO PAULO

TYPOGRAPHIA DO DIARIO OFFICIAL

1911

BIBLIOTECA PEDAGÓGICA CENTRAL
DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
DIRETORIA DO
SERVIÇO DE ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA
SÃO PAULO

I. Z.
4383



III
300,00



JUNHO—1911

De pleno accôrdo com a Associação Beneficente dos Professores Publicos do Estado e sob a immediata orientação da Directoria Geral do Ensino, inicia esta *Revista*, com o presente numero, uma nova phase de sua existencia, que é apenas uma quasi continuação daquella que teve a principio. Deixando de parte quaesquer questões que não visem o puro papel educativo proprio da classe que representa, a *Revista do Ensino* manter-se-ha no terreno elevado em que se ventilem sómente assumptos de interesse geral, dentro do circulo circumscripto á sua especialidade. Trabalhos originaes, traducções, transcripções, noticias, etc. referentes ao movimento educativo em geral, á evolução do ensino, aos seus methodos e processos, tudo emfim que possa instruir e interessar utilmente o corpo de professores paulistas poderá ter seu logar nas paginas deste livro, cuja publicação—feita agora, como o foi ha annos, a expensas do governo do Estado—ficará a cargo de quatro inspectores e será trimestral.

Assim, no interesse da instrucção publica de nosso Estado, esperamos de todos os srs. professores e a elles pedimos o auxilio de sua collaboração e solidariedade, bem como toda a cooperação reflectida e leal, no intuito de fazer que a *Revista do Ensino*, dando a medida exacta dos alevantados intuitos do professorado paulista, nos honre a todos, pelo criterio dos assumptos de que cogite e pela intelligencia e delicadeza no desenvolvimento destes.

**

O presente numero da *Revista* é em grande parte dedicado á publicação de trabalhos literarios—ineditos uns, já conhecidos outros—que constituem uma collectanea para a *Festa das Arvores*, a effectuar-se em Setembro, á imitação do que já fez a Directoria do Ensino para a *Festa das Aves* commemorada em Abril. Ahi encontrarão os srs. professores abundante material para organisarem suas festas, nas respectivas classes—que é o modo como melhor convém.

A outra parte do livro reservámol-a á publicação dos primeiros capitulos de um interessantissimo trabalho pedagogico do illustre professor J. L. Hughes, do Canadá, intitulado *Os erros do ensino*. Para elle chamamos a especial attenção dos nossos collegas, pois ahi encontram-se conselhos de uma importancia capital,

Coleção "MACEDO SOARES"	
Doação: Secretaria da Educação / SP	
Data 30/09/77	Proc. FEUSP 141/77
N.º Ordem	N.º Chamada

Stamp: BIBLIOTECA NACIONAL DE SÃO PAULO

tendentes a corrigir erros muito communs e espalhados no ensino em geral. Cremos não ser possível, neste momento, prestar-se ao aperfeiçoamento de nossas escolas e ao criterio pedagogico, ainda incipiente e vacillante de muitos de nossos professores, mais assinalado serviço do que lhes dar a ler esse notavel trabalho do eminente professor canadense.

Na traducção que apresentamos e que devemos á competencia e gentileza do illustre professor J. Stott, foram supprimidos alguns trechos, por se não applicarem ás nossas escolas, tornando-se assim perfeitamente dispensaveis.

Fazem parte deste volume da *Revista* os capitulos referentes aos—*Erros sobre o objecto da educação, Erros de direcção escolar e Erros no ensino moral*. No volume seguinte publicaremos os outros dois capitulos ainda mais interessantes dos *Erros de disciplina e Erros de methodo*, e, juntamente, outros trabalhos não menos uteis e importantes.

Collectanea para a Festa das Arvores

Festa das arvores

(Traduzida)

Cavemos a terra, plantemos nossa arvore,
que amiga bondosa ella aqui nos será !
Um dia, ao voltarmos pedindo-lhe abrigo,
ou flores, ou fructos, ou sombras dará !

O céo generoso nos regue esta planta ;
o sol de Dezembro lhe dê seu calor ;
a terra, que é bôa, lhe firme as raizes
e tenham as folhas frescura e verdor !

Plantêmos nossa arvore, que a arvore amiga
seus ramos frondosos aqui abrirá.
Um dia, ao voltarmos em busca de flores,
com as flores, bons fructos e sombras dará !

ARNALDO BARRETO.

HYMNO DAS ARVORES

(Musica de J. Carlos Dias)

Alegremos das arv'res a festa
Com os brilhos da nossa alegria ;
Brotem flores da espessa floresta,
Cantem ninhos dos ramos um dia.

Verde, verde da nossa esperança,
Cresça, verde e formosa, do chão,
Cada planta que, ao rir da creança,
Pede á terra da vida o condão.

Chovam bençams dos céus em cascatas
Sobre o seio materno da terra ;
Contra a morte inclemente das mattas
Surja a nossa bandeira de guerra.

Verde, verde da nossa esperança,
Cresça, verde e formosa, do chão,
Cada planta que, ao rir da creança,
Pede á terra da vida o condão.

Guerra aos ímpios, ingratos machados,
Tregua ao fogo impiedoso e sem dó,
Que amortalham as flores dos prados
E transformam os bosques em pó.

Verde, verde da nossa esperança,
Cresça, verde e formosa, do chão,
Cada planta que, ao rir da creança,
Pede á terra da vida o condão.

Neste céo, todo azul e esplendores,
Altos hymnos refuljam agora,
De creanças e plantas e flores
Congraçadas em rutila auróra.

Verde, verde da nossa esperança,
Cresça, verde e formosa, do chão,
Cada planta que, ao rir da creança,
Pede á terra da vida o condão.

Sob a meiga e bendita turqueza
Desta gloria do olhar de Cabral,
Foi S. Paulo que teve a riqueza
Deste exemplo de brilho immortal.

Verde, verde da nossa esperança,
Cresça, verde e formosa, do chão,
Cada planta que, ao rir da creança,
Pede á terra da vida o condão.

Araras, 7 de Junho de 1902.

VELHAS ARVORES

(O. Bilac)

Olha estas velhas arvores, mais bellas
Do que as arvores novas, mais amigas:
Tanto mais bellas quanto mais antigas,
Vencedoras da idade e das procellas..

O homem, a féra e o insecto, á sombra dellas
Vivem, livres de fomes e fadigas:
E em seus galhos abrigam-se as cantigas
E os amores das aves tagarellas.

Não choremos, amigo, a mocidade!
Envelheçamos rindo! envelheçamos
Como as arvores fortes envelhecem:

Na gloria da alegria e da bondade,
Agasalhando os passaros nos ramos,
Dando somtra e consolo aos que padecem!

COPA VERDE

(Alberto de Oliveira).

Deixa-te escudir do temporal violento,
Copa verde! E' tortura e é beneficio o vento;
Faz-te gemer, mas leva a poeira que se afoita,
Vinda do immundo chão, a te manchar; aço ta,
Torce-te os ramos, mas as filhas sans te deixa
E as mortas te despega; á alma prantiva queixa
Te arranca, mas vê bem: na furia em que te assalta,
Agua que aqui não tens, rocio que aqui te falta,
Frescura, vida, enfim, traz-te de longe. Chora,
Grita, raiva, pragueja, uiva e soluço, embora!
O despeado tufão em que vês um castigo,
Um flagello do céo, é o teu melhor amigo!
Si te fizer lascar com um impeto mais forte,
Inda assim, copa verde, inda a baquear na morte,
Em teu ultimo arranco uma benção lhe envia,
Pois de teu tronco viuvo has de ma s bella um dia
Renascer... Como a nós, quando tambem nos passa
Pela vida um ufão, um sopro de desgraça,
Si fortes somos, póde o ramo mais viçoso
Da illusão abater: em seu legar, glorioso,
Outro rebentará mais florido e mais lindo,
Onde virão cantar, e scazalar-se, unindo
Azas e azar, a um sel caro, a campear ra esphera,
Novas aves de amor, a nova primavera.

ARVORE SECCA

(ALBERTO DE OLIVEIRA)

Sobre o despenhadeiro debruçada,
Retorcida, convulsa, immensa,
Com as raizes já frouxas, e mirrada,
Está uma arvore annosa, e pensa.

Passou a vida com os festões que abriram
E murcharam de tantas flores,
Com as galas que os seus ramos revestiram,
Com o sol, com a luz e com os amores.
O que ora vês e para o chão se inclina,
Como um velho tremulo e absorto,
E' a sombra do que foi, espectro, ruína,
Rude tronco infecundo e morto.

Porque não cáes, arvore inutil? Olhas
Receiosa para o precipicio,
Onde o tempo uma a uma as tuas folhas
Arrojou, no tremendo exicio.
Irresoluta, como a idéa escura
Que impelliu a mão do suicida,
Tens-te, attentando em baixo, a atra espessura
Do abysmo, e acima o sol, e a vida.

Cáe! sem folhagem mais, cujas estomas
O ar da serra, em dias felizes,
Te respiraram, ar que em seiva e aromas
Te corria caule e raizes;
Sem joias mais — chuviros de brilhantes
Do almo orvalho que a noite chora,
A rutilar nas festas deslumbrantes
E alleluias de ouro da aurora;
Só e espectral, os ramos desornados
— Longos braços mortos, abrindo,
Que esperas mais? Teus dias são passados.
Que mais fazes? Cáe! tudo é findo!

Parece-me, encarando a arvore annosa,
Que ella fala, ella assim me diz:
— «Homem, por tua vez, viste a formosa
Quadra passar, flórea e feliz.
As folhas minhas que no chão rolaram
E onde os olhos scismando pôes,
Deixaram-me, homem, como te deixaram
Uma por uma as illusões.
A cada flôr que vi cahir e a rara
Fina essencia, murcha, perdeu,
Corresponde em teu intimo, compara,
Uma esperança, um sonho teu.
Carregada de passaros, da esphera
Clara arraiada com o esplendor,
— Ode, esmeralda e luz, a primavera

Celebrei, celebrei o amor.
Tu, primavera e amor, alma vestida
De um clarão de poesia e ideal,
Cantaste, e em cantos se te foi a vida
A escoar sonora e triumphal.

Envelheci. Ambos envelhecemos.
Adeus, nitido azul dos céus!
Caricias do ar, e sol, e amor, e extremos!
Rumorejos, versos, adeus!
Envelhecidos, a hesitar, em tanto,
E pavido cada um de nós,
Sobresaltado de terror e espanto,
Olha aos pés seu abysmo atroz.
Qual sombras, incertezas que o consomem
Ha de ir lá primeiro extinguir?
Devo cahir... Mas porque o lembras, homem,
Si tambem terás de cahir? »

IDYLIO

(GUERRA JUNQUEIRO)

Ah, que ineffavel pureza!
Que candura immaculada!...
Dir-se-hia que a Natureza
Nasceu esta madrugada!...

A primavera opulenta,
Estremecendo d'amores.
Palpita, anceia, rebenta
Em cataclysmos de flôres.

O olhar d'oiro das boninas
Contempla o azul: ao vê-las,
Dir-se-hia que nas campinas
Cahiram chuvas de estrellas.

Entre as sebes orvalhadas
Dos rumorosos caminhos,
As madresilvas doiradas
Tapam as bôcas dos ninhos.

Heras, roseiras, silvedos,
N'uma doida confusão,
Abraçam-se aos arvoredos
Como Dalila a Sansão.

Os negros melros farçantes
Dão rizadas zombeteiras
Dos loureiras verdejantes
Nas luminosas trapeiras.

Com a estrella d'alva, Flora
Abriu os olhos ideaes;
Os seus pés da côr da aurora
Voam nús sobre os trigaes.

Eil-a a correr e a atirar
Co'as roseas mão pequeninas
Borboletas para o ar,
Lilazes para as campinas.

Calca com os pés aereos
A morte cheia de horrores,
Alastrando os cemiterios
D'uma inundação de flores.

Polvilha d'oiro e de prata
O campo, o bosque, o vergel;
Aos seus labios de escarlata
Vae buscar a abelha o mel.

A LOCOMOTIVA

(A Gaspar Silva)

Da penedia o dorso se espedaça,
Accelera-se o rio espavorido,
Abrem o seio escuro bipartido,
A selva e o monte; o trem de ferro passa...

Sibila e corre a machina; esvoaça
Dos passaros o bando feragido;
Bu'a o monstro e do bojo ennegrecido
Golpha rolos de turbida funaça...

Rijo, forte e veloz; é uma Ideia
Condensada em metal, em ferro espesso;
Não recua, não cáe, não titubeia;

E vôa, e rasga o luminoso ingresso,
O ramo arterial, a grossa veia
Por onde corra o sangue do Progresso.

RAYMUNDO CORREIA. — (*Symphonias*).

NO JARDIM

Scena domestica

(CASIMIRO DE ABREU)

Ella estava sentada em meus joelhos
E brincava commigo—o anjo louro,
E, passando as mãosinhas no meu rosto,
Sacudia, rindo, os seus cabellos d'ouro.

E eu, fitando-a, abençoava a vida!
Feliz, sorvia n'esse olhar suave
Todo o perfume d'essa flor da infancia;
Ouvia alegre o gazar d'essa ave!

Depois, a borboleta da campina,
Toda azul—como os olhos grandes d'ella—
A doudejar gentil passou bem junto,
E beijou-lhe da face a rosa bela.

« — Oh! como é linda! disse o louro anjinho
No doce accento da virginea fala;
Mamãe me ralha se eu ficar cansada;
Mas — dizia a correr — hei de apanhal-a!»

Eu segui-a chamando-a, e ella, rindo,
Mais corria gentil por entres as flores;
E a—flor dos ares—abaixando o vôo,
Mostrava as azas de brilhantes côres.

Iam, vinham, á roda das acacias,
Brincavam no rosal, nas violetas,
E eu, de longe, dizia: « — Que doidinhas!
Meu Deus! meu Deus! são duas borboletas!... »

O POEMA DA LARANJEIRA

Semente outr'ora fôra, e tenra, e delicada...
Talvez de uma ave o bico, ou rija ventania
Do fructo, em que nascera a despregára um dia,
Levando-a pelo espaço; e, após, abandonada
A' tóa, pelo ar, qual coisa que não presta,
Alli fôra cahir, no seio da floresta,
E alli crescera... O sol deu-lhe o calor; e o orvalho
A seiva forte e sã, de um vigoroso galho
Pingada dia a dia. A Natureza inteira
Foi-lhe mãe carinhosa, emfim; e a laranjeira,
Soltando pelo espaço, altiva, agradecida,
A rama vigorosa, alli cresceu com vida...

A selva, porém, feia, escura, emmaranhada,
 Vivia emmudecida e triste e desprezada...
 A avesinha canóra, insectos zumbidores,
 Tudo o que é alegria e tudo o que ama as flôres
 —Como se foge á Sombra (era-lhe ella o arremedo)—
 Della em bandos fugiu, levados pelo medo...

Chegára a primavera; e bella, a natureza,
 Num hymno colossal, soberbo de grandeza,
 A vida fes'ejava. As flôres iriadas,
 Beijadas pelo sol, de perolas orladas,
 Garridas e louças, freiriam nos hastis,
 A selva toda enchendo de aromas subtis...
 A bella parasita, a orchidea e a palmeira,
 Todos os vegetaes da flora brazileira,
 Desde a gramminea enã ao feto colossal,
 Do pinho ao alecrim, ao aureo ipê real,
 Vaidosas cortezãs, por essa primavera
 Se toucaram, de tudo o que, em si, Flora encerra ..

Emtanto, a selva escura e feia e emmaranhada,
 Jazia muda e triste, e triste abandonada.

Da laranjeira a um ramo nasce a flôr primeira.
 Mil cutras logo vêm... e assim a cabelleira,
 Que de uns outros após nevando os fios vão,
 Em breve se formou da alvura o algodão.
 Fendeu-se cada flôr numa urna perfumada
 Que a aragem matutina, a beijos, delicada.
 Tratava de entornar, com o aroma em si contido.
 Embalsamando o ar...

Um beija flôr, vencido
 Por tão divina essencia, inquieto, num ligeiro
 E electrico ruflar, d'além chegou, primeiro.
 Depois, outro no encaço; e assim, inteiro, o bando,
 Em pós ao beija-flôr, tambem se foi chegando...
 Depois a abelha veiu, a rude proletaria,
 Que tira em cada flôr o mármer do seu lar...
 Depois, a borboleta, a alegre procellaria
 Da florida estação, nesse rumorejar
 Sempre crescente, a selva, escura, e triste outr'ora,
 Encheu-se de harmonia, e fez-se numa aurora...

Na fimbria do oriente, o sol, fecundo artista,
 Com pulso vigoroso, do céu na amethysta,
 Déra os primeiros traços da aurea madrugada.
 Do leito verde-claro, em pejos inflammada
 Aos beijos matinaes, leve, a rosa levanta

A fronte purpurina; uma outra empallidece;
 Esta inclina a corolla; aquella outra se espanta,
 E arfando o lindo seio, á aragem estremece...

Um ninho canta agora... Outro, que além se esconde,
 Da espessa ramaria breve lhe responde;
 Mais outro, um outro mais... e num crescendo enorme,
 Harmonico, viril, esplendido, uniforme,
 Rompeu de mil gargantas, repentinamente,
 Num côro divinal, translucido, fremente,
 Polvilhado de luz, impregnado de aromas.
 Enchendo todo o espaço, até ás verdes cômas...

De si jogando ao solo o orvalho que a roreja.
 Naquelle mesmo instante, a bella laranjeira,
 Qual deslumbrante noiva ao regressar da igreja,
 Surgia da penumbra, altiva, perfumada,
 No arminho do seu véo magestosa e faceira,
 Num ósculo de luz da loura madrugada...

ARNALDO BARRETO.

Visita á floresta

(Guerra Junqueiro)

O' clareiras do bosque! ó penumbras sagradas!...
 Como o sol entra aqui a rir ás gargalhadas,
 E como a natureza é virginal e pura!
 A alma se me esvae, fundida de ternura,
 Em murmurios d'amor, em extasis de crente!...
 Como isto moraliza e diviniza a gente!
 Dá-me vontade de ir subindo essas encostas,
 Ajoelhando, a beijar a terra de mãos postas!
 Eu quizera enroscar-me aos robles como a hera,
 Ser perfume no lírio e ser vigor na féra,
 Desfazer-me, diluir-me em luz, em ar, em côres,
 Semearem-me e nascer todo o meu corpo em flores,
 Com as aguias voar no oceano infinito,
 Ser tronco, ser reptil, ser musgo, ser granito,
 De fórma que eu andasse, em atmos disperso,
 No céu, no mar, na luz, na terra—no universo!...

Entre este fecundar de seivas luxuriantes,
 Ent e a vida brutal das arvores gigantes
 Levantando ao azul os pulsos seculares,
 Entre as vegetações frescas de nenufares,
 De cactos, de jasmims, de silvas, de roseiras,
 De serpentes em flor—isto é, de trepadeiras
 A escrever, a romper da terra funda, escura,
 Debaixo d'esta rica igreja de verdura,
 Trespassada da luz cruel do sol faminto.
 O' Natureza, ó Terra, ó minha mãe! eu sinto,
 Sinto bem que nasci do teu enorme fianco,
 E que o homem e o tigre e o cedro e o lirio branco
 São filhos a quem dás de mammar no teu seio
 Eternamente bom e eternamente cheio!

A LAGRIMA

GUERRA JUNQUEIRO

Manhan de Junho ardente. Uma encosta escalyada,
 Secca, deserta e nua, á beira de uma estrada.

Terra ingrata, onde a urze a custo desabrocha,
 Bebendo o sol, comendo o pó, mordendo a rocha.

Sobre uma filha hostil d'uma figueira brava,
 Mendiga que se nutre a pedregulho e lava,

A aurora desprende, compassiva e divina,
 Uma lagrima etherea, en rme e cristalina.

Lagrima tão ideal, tão limpida que, ao vel-a,
 De perto era um diamante e de longe uma estrella.

Passa um rei com o seu cortejo de espavento,
 Elmos, lanças, clarins, trinta pendões ao vento.

— «No meu diadema, disse o rei, quedando a olhar:
 Ha safiras sem conta e brilhantes sem par.

«Ha rubins orientaes, sangrentos e doirados,
 Como beijos de amor a arder, cristalizados.

«Ha perolas que são gottas de magna immensa,
 Que a lua chora e verte e o mar gela e condensa.

«Pois brilhantes, rubins e perolas de Ophir
 Tudo isso eu dou, e vem, ó lagrima, fulgir

«Nesta c'róa orgulhosa, olympica, suprema,
 Vendo o globo a meus pés do alto do teu diadema!»

E a lagrima celeste, ingenua e luminosa,
 Ouviu, sorriu, tremeu, e quedou silenciosa.

Couraçado de ferro, epico e deslumbrante,
 Passa no seu ginete um cavalleiro andante.

E o cavalleiro diz á lagrima irisada:
 «Vem brilhar, por Jesus, na cruz de minha espada!

Far-te-hei relampejar, de victoria em victoria,
 Na terra Santa, á luz da Fé, ao sol da Gloria!

«E á volta ha de guardar-te a minha noiva, ó astro,
 Em seu collo auroral de rosa e de labastro.

«E assim alumiarás com teu vivo esplendor
 Mil combates de heróes e mil sonhos d'amor!»

E a lagrima celeste, ingenua e luminosa,
 Ouviu, sorriu tremeu... e quedou silenciosa.

.....

Debaixo da figueira então um cardo agreste,
 Já resequido, disse á lagrima celeste:

«A terra onde o lilaz e a balsamina medra
 Para mim teve sempre um coração de pedra.

«Se a queixar-me, ergo ao céu os braços por acato,
 O céu manda-me em paga o fogo em que me abraso.

Nunca junto de mim, ulcerado de espinhos,
 Ouvi trinar, gorgear a musica dos ninhos.

«Nunca junto de mim ranchos de namoradas
 Debandaram, cantando, em noites estrelladas...

«Voa a ave no azul e passa longe o amor,
 Porque ai! nunca dei sombra e nunca tive flôr!...

«O' lagrima de Deus, ó astro, ó gotta d'agua,
 Cae na desolação d'esta infinita magna!»

E a lagrima celeste, ingenua e luminosa,
 Tremeu, tremeu, tremeu... e cahiu silenciosa!...

E algum tempo depois o triste cardo exangue,
Reverdecendo, dava uma flor côr de sangue,

 na roxo macerado e dorido e desfeito,
Como as chagas que tem Nosso Senhor no peito...

E ao calix virginal da pobre flor vermelha
Ia buscar, zumbindo, o mel, doirada abelha....

A PRIMAVERA

(Casimiro de Abreu)

A primavera é a estação dos risos;
Deus fita o mundo com celeste affago,
Tremem as folhas e palpita o lago
Da brisa leuca aos amorosos frisos.

Na primavera tudo é viço e gala,
Trinam as aves a canção de amores,
E doce e bella no tapiz das flores
Melhor perfume a violeta exhala.

Na primavera tudo é riso e festa,
Brotam aromas do vergel florido,
E o ramo verde de manhã colhido
Enfeita a frente da aldeã modesta.

A natureza se desperta rindo,
Um hymno immenso a criação modula:
Canta a calhandra, a jurity arrula,
O mar é calmo porque o céu é lindo.

Alegre e verde se balança o galho,
Suspira a fonte na linguagem meiga,
Murmura a brisa:—Como é linda a veiga!
Responde a rosa:—Como é doce o orvalho!

O ORVALHO E A ROSA

Na corolla duma rosa
De belleza peregrina,
Brilha uma gotta formosa
De agra pura e crystallina.

Os mais varios cambiantes
Della se expellem a flux,
Como de finos brilhantes
Postos aos raios da luz.

A rosa, o calix dobrando,
Da brisa ao passar fagueiro,
Responde, um perfume brando,
Fino, suave e ligeiro.

Alguem se aproxima; ao vel-as,
Segura o mimoso galho,
E exclama:—São ambas bellas,
A flôr e a gotta de orvalho!

— Exhala a rosa o perfume
Que entre as flôr's não tem rival,
Lança centelhas de lume
Esta perola matinal . . .

— Duma o perfume se admira,
Doutra o brilhante fulgor . . .
Que eu não sei qual preferira,
Se esta perola ou esta flôr . . .

A rosa pouco modesta
Por se julgar a primeira,
Do orvalho o valor contesta
Falando desta maneira:

— E' bella a perola que apontas,
Porém, se eu quizer esmagar . . .
Não passa, no fim de contas,
Duma pobre gotta d'agua . . .

Cahiu-me aqui no regaço,
De mim se alimenta e medra:
Sou eu apenas que a faço
Par'cer valiosa pedra . . .

Se acaso a desempoleiro
Da sua opulenta cama,
Verás então, lisongeiro,
A perola tornar-se em lama . . .

E tendo assim discorrido
A' fala juntando a acção,
Num gesto atroz, sacudido,
Lançou o orvalho no chão!

E a perola disse cahindo
Sobre a areia do jardim:
— « Antes do dia ser findo
Em vão chamarás por mim . . . »

Não tarda que o sol escalde
Da rosa o mimoso galho
E ouve-se a rosa debalde
Chamando a gotta de orvalho . . .

MAGIA SELVAGEM

(ALBERTO DE OLIVEIRA)

Com ledó rosto e coração festivo,
Seguindo o atalho do regato á beira,
Entro ás vezes na selva que peneira
Orvalho e sol, como um dourado crivo.

Fronte ensombrada, aspecto pensativo
De arvores mil, abobada altaneira
De entrançados festões, — estranho e vivo.
Templo, arcadas de lucida madeira;

Passaros, flores, petalas ungidás
De orvalho, errantes plumas coloridas,
Rios, penhascos, sol esplendoroso,

Claros de céos radiando em flóreo prisma . . .
Tudo, ajoelhado e tremulo, me abysma,
Cégo de assombro e extático de goso.

A arvore

(Alberto de Oliveira)

Entre verdes festões e entrelaçadas fitas
De mil varios cipós de espiras infinitas,
Mil orchideas em flôr, mil flores, — sobranceira,
Forte, erecta, na altura a basta fronde abrindo,
C'rodada do ouro do sol, aos ventos sacudindo
A gloriosa cimieira;

A arvore, abrigo e pouzo á guia real, sorria.
Dez leguas de redor o bosque inteiro via,
E os campos longe, e o val, e os montes longe, tudo;
Nuvens cortando o ar, e passaro cortando
As nuvens, e alto o sol, na alta esphera radiando,
Como fulgente escudo.

Ampli-ondente a rainha o manto seu na altura
Abria. Coube ao tempo a rigida armadura
Vestir-lhe. A intacta fronte, era um cocar guerreiro
Que a cingia, e o tufão que diga si era forte,
Quando o intentou dobrar; que o diga o irado norte
Com o seu tropel inteiro.

Passaram sem feril-a, esbravejando ás soltas,
Ventos e temporaes; e das nuvens revoltas
Alumiou-a, á luz do raio, a tempestade;
Mas, chegando a manhã, lá estava, activa e bella,
Incolume, a cantar, zombando da procella
A aria da liberdade.

Vinham então grasnar em seu negro fastigio
Os bravos corvos do alto e ouviam-se em remigio
Grandes aguias a luz cruzando, tenebrosas;
Emquanto, de echo em echo, um berro immenso atrcava
A selva, e o touro a ouvil-o, hispido o pello, arruava
Nas planicies umbrosas.

E que uberrimo seio a toda vida aberto
Era o seu! Quanto amor á sombra do deserto,
Quanto! quando, o raizame ao sólo preso, as cimas
Dava esta arvore á luz e o orvalho brande, ao vento,
Via-se a gottejar, de momento em momento,
Das ramagens o,imas!

Giganta e mãe, alterndo os hombros, quanta vida
No ar não fez florescer dos flancos seus nascida!
Quando a veruada cópa ás virações estranhas
Entregava, aspirando o puro ambiente, a quanto
Ser não nutriu, fecunda, agarrado ao seu manto
Ou ás suas entranhas!

La-lhe caule acima, em longos cirros, toda
A hera da floresta, os vegetaes em roda
Deixando-a vêr mais alto o céo, mais livre agora;
E o lichen verde, o musgo, o feto, as capillarias,
As gynandrias gentis, epiphytas, e as várias
Bromelias côr da aurora.

De seus braços em volta — enroscadas serpentes,
Leves, a suspender as maranhas virentes,
As bauhinias em flôr e lastravam; abriam
Os cyclanthos, e ao lado, acompanhando os liames
Das bignonias, ao sol, em tremulos enxames,
As abelhas zumbiam.

Filiforme, oscillando, ao pincar suspensa,
A trama dos cipós se desatava immensa;
Em seu cóllo não raro, a cobra a falva escama,
Com os éstos do verão, fez esmaiar, — emquanto
Tardo passaro estivo, em suspiroso canto,
Voava de rama em rama.

Não raro, em bando inquieto, as variegadas plamas,
Viram aves, talvez, ahí crescer. E algumas,
Talvez, entre a expansão trichotoma e sadia
Desses ramos, á sombra, o ninho penduraram,
E, primeiras da solva, as azas levantaram
Para saudar o dia.

Mais que um seio de amor, um tacto de piedade
Foi est'arvore. Ao vento, á chuva, á tempestade
Fugindo, brenha a brenha, e de terror vencido,
Não raro o tigre um pouzo aqui teve seguro,
Emquanto atroava o raio, em firmamento escuro,
O espaço ennoitecido.

Não raro o val soturno a côrça e o leão transpondo,
Quando o incendio estouraz ao longe em ruído estrondo,
De raiva inflado, a um sopro, aleava as furias, vieram;
E, afuzilando o olhar, o pello hirsuto, á mingua
D'agua, o orvalho estival caído aqui, com a lingua
Nestas folhas beberam.

Não raro! E quanta vez de extincta raça, á aragem
Matinal, não se ouviu do rito a voz selvagem
Saudando o sol aqui, sob esta arcada! E, á lua,
A' noite, quanta vez, na aura vernal trazido,
Não se viu perder de estranha dansa o ruído
Nesta folhagem nua!

E era grande! e era bella est'arvore assombrosa!
Tudo a amava, e ella, altiva, ella, entre a luz, gloriosa,
Lançava aos céos robusta a sua frente, em festa;
E immenso canto echoava aos pés da soberana...
Mas.. Como a palpar do canto agreste á liana,
Não tremeu a floresta!

I I

. . . Entrava a selva um dia um homem. Sopesava
Tersa, afiada segure. Em torno a vista crava,
A arvore vê. Levanta o truculento olhar...
Toma-lhe a altura enorme aos ramos, a espessura
Ao tronco. E o ferro audaz de solida armadura,
Faz sinistro vibrar.

Mas nem sequer um ramo estremeceu. Violento
De novo no ar voltêa o tetrico instrumento,
E sôa o golpe. Ainda um ramo nem sequer
Estremeceu. Resiste a casca espessa, o escudo
Da corcha. Pra fendel-a, ao braço heroico e rude
Mais esforço é mister.

Pois novo esforço. Gyra a arma assassina ao pulso
E lá vae, lá bateu, que é força entrar. Convulso
O homem de novo ás mãos sacode-a. Inda outra vez
Sacode-a. O aço lampeja, e do cortante gume
A furia estona o tronco. E ha, talvez, um queixume
No madeiro, talvez...

Mais outro esforço. No ar, como mandrão guerreiro,
Zane o ferro, e feriu precipite, certo:
A casca espicaçou-se em laminas subtis...
Correu longo tremor o caule informe, erguido,
E, subterraneo, ouviu-se o echo de um gemido
Na alastrada raiz.

Outro golpe, outro abalo. Em finas lascas vâa
Picada a casca, e da arma ao rude embate echôa
A solidão. Pergunta espavorida a flôr
A' ave: — Que voz é esta? — E o tigre a fuma entrando:
— De onde parte este grito? — E os rufes leões, parado:
— Quem faz este rumor?

E é da ruina estupenda o lugubre alarido
De montanha em montanha e bosque em bosque ouvido.
Tudo, da grimpa excelsa ou da planura, o val
E o rio, o cedro e a rocha, o enho e a palmeira, pondo
O olhar nos céos, escuta aquelle excidio hediondo
E crime sem igual!

A grande arvore cae! A ramaria forte
Treme em cima, dansando uma dansa de morte.
Rompeu-lhe o alburno agora e vae-lhe ao coração
O atro golpe. Uma a uma as fibras rangem; fala,
Ringe, arqueja o madeiro, e, pouco a pouco, estala,
A' mortal vibração.

A grande arvore cae! Já se lhe inclina e verga
 A fronte, e aos pés, a gruta, — o seu sepulcro, enxerga!
 Astros, sol, amplidão, espheras de ouro, céos,
 Nuvens, sopros do mar, e passaros da aurora:
 A grande arvore cae! mandae-lhe em pranto agora
 O vosso ultimo adeus!

A grande arvore cae! Com os ramos seus robustos
 Ide envoltos na queda, ó vós que as amaes, arbustos;
 Segui-a ao somno extremo, ó cervos, vós que a amaes!
 Ouvi! cede-lhe o cerne ao ferro que o retalha...
 Cosei-lhe em flôr e em luz esplendida mortalha,
 Florestas tropicaes!

E caiu! rudemente e com ella rodaram
 Ainda os cedros na gruta, e os montes estrondearam...
 Rasgou-se ao bosque o tecto, a tunica se abriu;
 E a ave, e a fera, e o insecto, e o proprio homem, tranzido
 De horror, tudo fugiu de prompto, espavorido,
 Quando a arvore caiu!

E da ruina estupenda o lugubre alarido
 Foi de ermo em ermo e foi de bosque em bosque ouvido;
 Tudo, da grimpá excelsa ou da planura, o val
 E o rio, o cedro e a rocha, o eubo e a palmeira, pondo
 O olhar nos céos, tremem áquelle excidio hediondo
 E crime sem igual!

ARVORE AMIGA

Na campina deserta e silenciosa havia
 uma arvore só. Quando o rio crescia,
 as margens inundando impetuosamente,
 como um titan batia a furia da torrente
 n'uma lucta brutal, n'um desespero eterno...
 Tinha um seculo já. Nas passagens do inverno,
 a arvore despia a tunica viçosa
 e oppunha os braços nus á força prodigiosa
 das aguas, ao soprar dos furacões, batida
 pelas chubras, exposta ao frio... A sua vida
 foi o eterno combate, a sanguinosa lucta
 da existência esmagando a Natureza bruta!...

Eu tinha um grande affecto ao vegetal sombrio.
 Quando se approximava o labrioso estio,
 afastando, esquecendo as máguas infinitas,
 no tronco alimentava as plantas parasitas,
 e cheio de bondade e cheio de carinhos,
 vestia-se de folhr, enchia-se de ninhos!

Uma vez encontrei — surgia a madrugada
 no horizonte in-flammado — a arvore derrubada
 na campina deserta. Ella que resistira
 ao frio, á chuva, ao sol, aos vendavaes, cahira
 aos golpes do machado em impeto leonino...
 Alguem, quem quer que foi o barbaro assassino,
 arrancou, destruiu desapedadamente
 um seculo de vida e de trabalho ingente,
 em lucta com o inverno e em lucta com o sol.
 Diluía-te no azul o vivido arrebol
 da madrugada clara; e o roble destruido,
 quando a aurora vestia o azul indefinido,
 morreu saadando a luz nas amplidões suaves,
 beijado pelo sol, chorado pelas aves
 melancolicamente, em saudososa elegia...
 e no eterno bater das aguas, parecia
 que a magua torturava o coração do rio!
 No inverno ha de choral-o o furacão sombrio,
 como um rei desgrenhado ao vento das pr cellas;
 hão de sempre verter-se os prantos das estrellas,
 e nas manhãs do estio, ao despontar da aurora,
 as lagrimas de luz que a Natureza chora!...
 Exilado do sol, dos bosques, das florestas,
 nunca mais gozará nas rumorosas festas
 da Natureza, quando o resplendor de maio
 lança um riso de luz e um beijo em cada raio!
 Roubado á paz da terra em que elle germinara,
 nunca mais ouvirá, na verdejante seara,
 a limpida canção ingenua das ceifeiras,
 como um bando gentil d'arveloas palmeiras,
 colhendo alegremente os sazonados fructos!
 Nunca mais, nunca mais, sem lagrimas, sem luctos,
 na sua virginal dalmatica virente,
 verá morrer o sol n'angustia do poente,
 assistindo, na paz dos grandes luctadores,
 com surpresa risinha ao rebentar das flores!
 Nunca mais, nunca mais, oh vegetal antigo!
 Choro te, porque enfim, eu era teu amigo!
 Muitas vezes dormi á tua sombra calma
 o somno virginal que nos repoi a e acalma,
 como o somno que dorme o pequenino infante,
 guardado pelo braço herculeo a'um gigante!
 Hoje, quem sabe lá que vento ou que destino

te levou pelo mundo em fragil desatino,
 saudoso do luar, dos bosques, do arvoredo?
 Sóinho, abandonado á noite d'um degredo,
 quem sabe se tu és, oh! roble destruido,
 a taboa a que se abraça o naufrago perdido,
 um berço, um cadafalso, um tumulo, um altar,
 ou se andas pelo céo no fumo d'algun lar?!

ANTONIO FEIJÓ.

AO REBENTAR DAS SEIVAS

Vem depressa, ó primavera,
 Que estamos á tua espera!
 Vejo dispostos os teares
 E armados os bastidores,
 Que são para tu bordares
 A oiro do sol e a cores,
 Charnecas, varzeas, pomares,
 Arvores novas e velhas,
 De folhas verdes e flores,
 Que dão o mel ás abelhas
 E a alegria aos lavradores...
 Vem depressa, ó primavera,
 Que estamos á tua espera!

(Conde de Monsaraz)

CANÇÕES DAS ROSAS

Rosas d'Abril! Cada rosa
 E' uma bocca viçosa
 Que se abre para cantar
 Canções que a alma, com ellas,
 Tem de subir ás estrellas,
 Para as poder escutar!

(Conde de Monsaraz)

Sóbe em revoadas de versos,
 Presa aos aromas dispersos
 Que são as vozes das flores..

Só ouvem cantar as rosas,
 As tristes almas anciosas: —
 Os poetas e os sonhadores.

HYMNO Á ARVORE

Bem dita sejas, arvore bondosa,
 Quer abrigues, nas grandes soledades,
 A doce passarada sonora,
 Quer sombra dêes ás gentes das cidades!

Na tua verde copa é que se esconde
 A orchestra dos aligeros cantores,
 A cujos sons se expande a tua fronde
 Na opulencia dos fructos e das flores.

Aformoseando o seio da floresta,
 Oh! que poder o teu encanto encerra!
 Gigantesca, plethorica, ou modesta,
 A chuva attraes ás visceras da Terra!

Sem ti não se ergueriam nossas casas,
 Nem os mares sulcara audaz navio.
 Que seria do pão sem tuas brazas?
 Quem esparcara a escuridão e o frio?

Quer sobranceies, rumorosa, os valles,
 Quer enriqueças campos e collinas,
 Mitigam varios dos humanos males
 Teus balsamos, essencias e resinas.

Nada do que produzes se despreza;
 E's util, viva ou morta, á terra inteira,
 E a tua lactea seiva é uma riqueza
 Das maiores da Patria Brasileira.

Tu foste deusa do selvagem bronco;
 Derribou-te, porém, rijo machado,
 Quando o homem fez a choça do teu tronco
 E delle fez seu leito de noivado.

Sem ti, que fôra a vida no universo?
 Alimento nos dás, nos dás conforto,
 E, si forneces á creança o berço,
 Tambem forneces o caixão ao morto.

Eis porque nós, ó arvore, te amamos,
Louvando-te as virtudes bemfazejas.
Como cantam as aves nos teus ramos,
Assim cantamos nós: — Bemdita sejas!

BASILIO DE MAGALHÃES.

Os tres reinos

(DAS «RIMAS E PROSA»)

O VEGETAL

Quem sou? Que gloria é a minha? E que valor ostento
Real, perante o mundo? Uma pergunta ousada!
Sabei—chamam-me o Reino Vegetal, e nada
Póde a mim se egualar na fórma e no portento.

Vêde a palmeira altiva, ergue-do ao firmamento
A elegante estatura em luz toda banhada:
Vêde o jequitibá, o cedro e essa e pada
Paineira no deserto a baluçar-se ao vento!

Lançaes vossa attenção agora para estas
Do bosque secular mil construcções formosas!
Que ramagens gentis! Que troncos! Que florestas!...

E quem produz, como eu, taes cousas primorosas,
— A relva, o leve musgo, a violeta e as mestas
Flôres do vasto campo, e encantadoras rosas?

O MINERAL

Que vaidade, meu Deus! E que illusoria
A vossa retenção! Sabei, vaidoso,
Que eu valho muito mais, eu sou o famoso
Grão Reino Mineral, a aurea memoria!

Tão occulto vivo eu, e é tanta a gloria
Que guardo no meu seio ampl', assombroso,
Que o mundo eu faço estremecer de gôso,
Ao mostrar-lhe em meu vulto a minha historia.

Sabeis o que em mim guardo? Amplo theouro,
Guardo o carvão, o marmore, o granito,
O diamante, a esmeralda, a prata, o ouro!

Silencio, pois, vaidoso! Este bemdito
Erario meu, brilhante, sonoro,
Vale mais que as estrellas do infinito! ..

O ANIMAL

Calae-vos, vós tambem! Fala o primeiro
Dos tres Reinos da vasta natureza...
Fala o Reino Animal! A luz acesa
Sinto do genio meu, grande, altaneiro!

Eu valho mais que vós! Eu sou o obreiro
Do que vive e se move. Oh! que belleza
Faço ostentar na eterna redondeza
Dos viventes expondo amplo viveiro,

Creastes bosques, vós! Pedras? Diamantes?
Luxo, poesia—o sonho de uns instantes...
Cousas futeis que aos poucos se consomem...

Pois eu fiz mais—Criei visões gigantes:
— Entre os milhões de seres triumphantes,
Dei vida ao rei da criação—ao homem! ..

CARLOS FERREIRA.

PRESTITO FUNEBRE

(GUERRA JUNQUEIRO)

Que alegrias virgens, campezinias, fremem
Neste immaculado, limpido arrebol!
Como os gallos cantam! .. como as noras gamem...
Nos olmeiros brancos, cujas folhas tremem,
Refulgente e novo passarinha o sol! ..

Pela estrada, que entre cerejaes ondea,
Uma pequerrucha, — tro-la-ró-la-rá! —
Vae cantando e guiando o carro para a aldeia...
São os bois enormes, e a carrada cheia
Com um castanheiro apodrecido já.

Oh, que donairoza, linda boieirinha!
Grandes olhos garços, sorrisinho arisco...
D'aguilhada em punho levida caminha,
Com a graça aerea d'ave ribeirinha,
Verdilhão, arveloa, toutinegra ou pisso.

Loira, mas do loiro fulvo das abelhas ;
Fresca como os cravos pelo amanhecer ;
Brincos de cerejas presos nas orelhas,
Na boquilha rosea tres canções vermelhas,
Na aguilhada, no alto, uma estrellinha a arder !

Desca'cinha e pobre, mas sem ar mandigo,
Nada mais esvelto, mais encantador !
Veste-a d'oiro a gloria do bom sol amigo...
O chapéo é palha que inda ha um mez deu trigo,
A saia é linho inda ha bem pouco em flôr !...

E os dois bois enormes, collossaes, fleugmaticos,
Na alleluia immensa, triumphal, da aurora,
Vão como bondosos monstros enigmaticos,
Almas por ventura d'ermitões extaticos,
Ruminando biblias pelos campos fóra !...

Ao arado e ao carro presos noite e dia,
Como dois grilhetas, quer de inverno ou v'raão
E, submissos, uma pequerrucha os guia !
E nos sulcos que abrem canta a cotovia,
As bcninas riem-se e amadura o pão !...

Levam as serenas fronteas magestozas
Enramalhetadas como dois altares ;
Madresilvas, loiros, pampanos, mimosas,
Abelhões ardentes desflorando rosas,
Berboletas claras em noivado, aos pares...

E eis no carro morto o castanheiro, enquanto
Melros assobam nos trigaes além...
Heras amortalham-no em seu verde manto...
Deu-lhe a terra o leite, dá-lhe a aurora o pranto...
Que feliz cadaver, que até cheira bem !...

Musgos, lichens, fetos, — chimica incessante ! —
Fazem montões d'almas d'essa podridão...
Já nesse esqueleto secco de gigante,
Sob a luz vermelha, n'um festim radiante,
Mil milhões de vidas pululando estão !...

Sempre a fortaleza casa-se á doçura ;
Como o leão da Biblia morto n'um vergel,
Do seu tronco ainda na caverna escura
Um enxame d'oiro rutilo murmura,
Constuindo um favo candido de mel !...

Oh, os bois enormes, mansos como arminhos,
Meditando estranhas, incubas visões !...
Pousam-lhes nas hastes, vede, os passarinhos,
E por sobre os longos, torridos caminhos
Dqs seus olhos caem benções e perdões...

Chorarão o velho castanheiro ingente,
Sob o qual dormiram sestae estivaes ?
Almas de arvoredo, o seu olhar plangente
Saberá acaso mysteriosamente
Traduzir as linguas em que vós fallaes ? !...

Castanheiro morto ! que é da vida estranha
Que no ovario exiguo d'uma flor nasceu,
E criou raizes, e se fez tamanha,
Que trezentos annos sobre uma montanha
Seus trezentos braços de colosso ergueu ? !...

Onde a alma, origem dessas formas bellas ?
Em tão varias formas que sonhou dizer ?
Qual a ideia, ó alma, convertida n'ellas ?
E desfeito o encanto, que nos não revelas,
Que apparencias novas tomará teu ser ?...

Noite escura !... enigmas !... Ai, do que eu preciso,
Boieirinha linda, linda d'encantar,
E' d'essa innocencia, d'esse paraizo,
Da alegria d'oiro que ha no teu sorriso
Da candura d'alva que ha no teu olhar !...

Grandes bois que adoro, p'ra fortuna minha,
Quem me dera a vossa mansidão christã !
Arrotear os campos, fecundar a vinha,
E nos olhos garços d'uma boieirinha,
Ter duas estrellas virgens da manhã !...

E também quizerá, mortos castanheiros,
Como vós erguer-me para o sol a flux,
Dar trezentos annos sombra aos pegureiros,
E n'um lar de choça, em festivaes braseiros,
A aquecer velhinhos, desfazer-me em luz !...

A FIGUEIRA

Velha Figueira secca e carcomida
pelo tempo feroz que não perdôa,
já foste, um dia, verde, nesta vida
e foste carinhosa e boa.

Outr'ora déste abrigo a muitos ninhos
e foste um templo de esponsaes alados ;
eras amada, então, dos passarinhos,
porque os teus galhos eram enfolhados.

Um verde glauco toda te vestia,
em todas as estações do anno :
teu forte tronco, para o céo, se erguia
triumphalmente, soberano.

Pomona e Flora, ambas te estimavam,
cobrindo-te de fructos e de flôres.
Até as borboletas te rondavam,
soliloquiando os seus amores...

Mas os annos te foram engelhando
e as folhas te caíram, de uma em uma ;
perdeste mesmo o porte venerando,
que te punha em destaque até na bruma!

Hoje não cantam aves em teus galhos,
és uma sombra do que foste um dia:
nem o frescor dos hispídos orvalhos
te comunica uma feição sadia.

Tudo sumiu, velha Figueira mésta...
Nem mesmo uma folha amarella
nesses teus galhos retorcidos resta,
embora fosses viridente e bella.

Emtanto és mais feliz que nós, Figueira,
porque, mesmo depois de estares morta,
irás manter o fogo na lareira
e nos dár o calor que nos conforta.

S. Paulo, Maio-1911.

FILEMON MARCONDES.

PELAS ARVORES

I

Arvores santas, que ereis, d'antes,
O lar dos nossos ancestraes,
Para saudar-vos, nós, infantes,
Erguemos córos festivaes.

Contra a canicula, frondosas,
Daes-nos abrigo protector.
A vós, gentis plantas annosas,
O nosso amparo, o nosso amor...

II

Arvores santas, florejando
Pelas rechans deste paiz,
Cruéis vos foram devastando
Homens perversos, homens vis...

Mas para vós bemdita aurora
Reponta cheia de fulgor,
Pois as creanças vêm agora
Offerecer-vos seu amor...

III

Viçae, cresci, abrindo ramos
Verdes, gentis, de Norte a Sul.
De novo agora vos plantamos:
Desabrochae em pleno azul.

Arvores tendo fructos de ouro,
Fructos de aroma e de sabor,
Valeis, por certo, aureo thesouro.
A vós, portanto, o nosso amor.

B. OCTAVIO.

ARVORE DA RUA

Quando te vejo, amiga, balançando
no ar impuro e bulhento da cidade
a velha fronde empoeirada ; quando
te considero o manso aspecto, invade

toda minha alma, repentinamente,
uma onda de tristeza commovida.
E' que eu sou como tu, triste e doente,
vivo isolado, como tu, na vida.

Tu nascestes de certo, no amplo seio
da natureza, a grande mãe extrenua,
em meio de outras arvores, em meio
de arroyos mansos e de gente ingenua ;

e hoje, abrindo essas ramas, com desgosto,
neste ar tão carregado de impurezas,
tens o aspecto doentio e descomposto
de aves selvagens que definham presas.

Eu, que tambem nasci, como nasceste,
na doce paz bucolica da aldeia,
tambem padeço nesta vida, neste
ambiente cruel que nos rodeia.

Quando moves o vulto escuro e lento
com um soluço maguado em cada galho,
queixas pareces derramar aos ventos,
como eu aos ventos minha dôr espalho.

Ninguem percebe, entanto, nossas dores,
nem vê que já perdemos a magia
que em tua copa rebentava em flores
e que minha alma de illusões floria.

Névoa — 1910.

AMADEU AMARAL.

QUE PLANTAMOS QUANDO UMA ARVORE PLANTAMOS ?

Que é que plantamos, quando uma arvore plantamos ?
— Tudo o que se constrói com seu tronco e seus ramos.
Plantamos o navio, as lindas caravellas,
E o mastro que supporta as enfunadas velas.
Plantamos a carlinga ; a forte e grossa prancha,
Que aos temporaes resiste e nunca se desmancha ;
O leme que faz ir na desejada trilha ;
A hélice veloz ; a cortadora quilha.
Quando plantamos, pois, pequeno arbusto esguio,
Na realidade nós plantamos o navio.

Que é que plantamos, quando uma arvore plantamos ?
— Tudo o que se constrói com seu tronco e seus ramos.
Plantamos do meinho a longa e moel aza,
E plantamos tambem a minha e a tua casa.
Plantamos o barrote, as ripas, a cumieira,
O scalho, a viga-mestra, em fim todã a madeira
Que entra na construcção das molduras, das telas,
Do tecto, dos portaes, dos muros, das janellas.
Todas as partes, pois, da casa em que moramos
E' o que plantamos quando uma arvore plantamos.

Que é que plantamos, quando uma arvore plantamos ?
— Tudo o que se constrói com seu tronco e seus ramos.
Plantamos um milhar de cousas muito boas,
Gratas aos corações, como uteis ás pessoas :
E' ella que nos dá — a arvore plantada —
A haste em que se prende a bandeira adorada,
E a mesa, em torno á qual nessa familia inteira
Se juncta ás refeições, e o fogo da lareira.
— Ella é que nol-os dá, e ainda uma outra cousa :
O berço para a vida, o esquife para a lousa...
Quando plantamos, pois, cheia de seiva e viço
Uma arvore qua'quer — nós plantamos tudo isso.

RENÉ BARRETO.

SEJA BENVINDA

Que bellezas, que encantos não encerra a natureza!

Como pode um educador privar as gentis crianças de admirar esse painel grandioso, esse verdadeiro enlevo da alma?

Como obrigar os alumnos a ficarem tanto tempo presos entre quatro paredes, quando têm tanta necessidade de ar e de luz, tornando-se cada vez mais irresistível o desejo de fazer resoar livremente as suas vozes argentinas como as avez-tas o seu canto mavioso?

Não commette um imperdoavel *crime* o professor, principalmente rural, que quer dar lições de agricultura e botânica, servindo-se unicamente das estampas que adornam as paredes da aula, quando tem diante de si o *livro* aberto da propria natureza encantadora?

Não; enquanto não se abandonar inexoravelmente essa inveterada rotina, tornar-se-ão improficuos todos os esforços tendentes a inspirar na criança o amor pela vida campestre.

E' preciso infundir nos meninos o amor pelo reino vegetal desde a infancia, fazendo-lhes experimentar o prazer de possuir um canteirinho em que elles possam semear e cultivar pequenas plantas de facil cultura.

Mas, objectará alguém, como fazer isto nos grupos das cidades onde nem espaço para o recreio dos alumnos ha?

Neste caso os professores poderiam fazer como nós faziamos, ha tres annos, no grupo escolar *Rangel Pestana*. Convidar cada discente a trazer uma latinha cheia de terra e, em um dia previamente marcado, mandar que os alumnos plantem, contemporaneamente, um grão de feijão (ou a semente que o professor julgar mais conveniente) e então o educador teria ensejo da apreciar o prazer que sentem os pequenitos ao ver germinar a semente por elles mesmos semeada.

Com que interesse, com que satisfação acompanham elles o crescimento da tenra plantinha!

E que occasiões esplendidas se não offerecem ao professor para mostrar realmente o embrião, os cotyledones, a radícula, o cauliculo, a gemmula, etc.

Deste modo as crianças iriam, certamente, *se affeiçoando* ás plantas, á agricultura que é a nossa principal fonte de riqueza.

O professor não deveria descurar nenhum meio, nem mesmo os apparentemente pueris, para infundir no *espírito* dos alumnos o amor pela agricultura, pelo reino vegetal.

O ensino das sciencias naturaes, ministrado com tino pedagogico e os passeios campestres, onde a natureza revestida de um verde perenne parece sorrir ás mimosas e gentis crianças, contribuirão poderosamente para a realização do almejado *desideratum*.

Seja bemvinda, pois, a instituição da *Festa das Arvores*.

CLEMENTE QUAGLIO

EXCERPTO

(Prosas Barbaras)

DE EÇA DE QUEIROZ

Sou de uma antiga familia de carvalhos, raça austera e forte que já na antiguidade deixava cahir, de seus ramos, pensamentos para Platão. Era uma familia hospitaleira e historica: della tinham sahido navios para a derrota tenebrosa das Indias, coutos de lanças para os allucinados das Cruzadas e vigas para os tectos simples e perfumados, que abrigaram Savonarola, Spinosa e Lutheró. Meu pae, esquecido das altas tradições sonoras e da sua heraldica vegetal, teve uma vida inerte, material e profana. Não respeitava as nobres moraes antigas, nem a ideal tradição religiosa, nem os deveres da Historia. Era uma arvore materialista. Tinha sido pervertida pelos encyclopedistas da vegetação. Não tinha Fé, nem alma, nem Deus! Tinha a religião do sol, da seiva e da agua. Era o grande libertino da floresta pensativa. No verão, enquanto sentia a fermentação violenta das seivas, cantava, movendo-se ao sol, acolhia os grandes concertos de passaros bohemios, cuspiam chuva sobre o povo curvado e humilde das hervas e das plantas e, de noite, enlaçado pelas hervas lascivas, resonava sob o silencio sideral. Quando vinha o inverno, com a passividade animal dum mendigo, erguia para a impassivel ironia do azul, os seus braços magros e supplicantes!

Por isso nós, os seus filhos, não fomos felizes na vida vegetal. Um dos meus irmãos foi levado para ser tablado de palhaços: ramo contemplativo e romantico, ia, todas as noites, ser pisado pela chufa, pelo escarneo, pela força e pela fome! O outro ramo, cheio de vida, de sol, de poeira, aspero, solitario da vida, luctador dos ventos e das neves, forte e trabalhador, foi arrancado dentre nós para ir ser taboa de esquite! — Eu, o mais lastimavel, vim a ser forca!

O lenhador apertou o machado e entrou na floresta.

Os velhos carvalhos violentos e propheticos, os choupos defallecidos, os castanheiros ruidosos, os olmos gigantescos, as ramagens e os silvados eriçados, onde o vento brada afflicto, todas aquellas verduras vivas e sãs, que cantam ao sol, no empoeiramento da luz crúa — toda aquella sombria Diana esguedelhada, que se chama a floresta, dormia sob as oppressões da neve, triste, si-

lenciosa, estoica e soberba. O lenhador, com o machado erguido, ia por entre a floresta; elle conhecia aquellas estranhas attitudes, aquelles escarpamentos de neve, as faces pensadoras dos rochedos, todo o emmaranhamento de ramos, de flores, donde cáem gottas como um echo de chuvas passadas: e, todavia, ao endireitar-se contra um velho carvalho, empallideceu, como diante de uma profanação. Seu coração simples e bom não comprehendia, mas sentia aquellas vidas immoveis, silenciosas e sonoras, que são arvores, ramagens, arbustos, florescencias; elle tinha compaixão dos gemidos dos troncos, das cascas esmigalhadas, das fibras dilaceradas, e sentia que sacrificava alli, á fome dos filhos, vidas infinitas de arvores. O lenhador atirou o machado contra o tronco do carvalho—e toda a arvore immensa ficou tomada de vibrações dolorosas; e as suas ramagens estenderam-se cahidas, sem vida e sem força, pelo tronco, como para se verem morrer sem gemidos, num silencio soberbo e selvagem. O sol veio livido, molle, desfallecido, sem força, sem vitalidade, sem ascensão flammejante e sagrada, entre nevoas arrastadas, entre esvaecimentos lugubres de nuvens. Começavam a esvoaçar os passaros, piando tristemente.

A ARVORE

Ella é a purificadora do ar que respiramos, ella é que nos garante a fonte que jorra para nossa sêde e para a régua dos campos, ella é a fiandeira de sóes: — caem-lhe na cópa os raios caniculares e ella, desfiando a flamma, dá apenas o calor ao que se achega á sua sombra; ella é a medicina, ella é a belleza cercando a morada em que vivemos, ella é a nossa confidente discreta, porque é sob seus ramos que abrimos francamente o coração, deixando livres as saudades e as reminiscencias — assim é a arvore viva. Morta ella é tudo — o principio e o fim: berço e esquite, e, entre esses dois pólos tudo mais é floresta: a casa e o templo, o leito nupcial e o altar, o carro que trilha os campos, o navio que sulca os mares, o cabo da enxada e a haste da lança, tudo é madeira, tudo é arvore, é a floresta.

COELHO NETTO.

Escola Normal de Matto Grosso

As festas que se ligam á instrucção popular são sempre sympathicas e despertam em todos os centros civilizados o mais vivo entusiasmo. Isso mesmo tivemos hontem a oportunidade de observar, por occasião da installação da recém-creada Escola Normal, instituto de ensino que se destina a desempenhar importante papel no seio da nossa sociedade.

A partir das 8 horas da manhan. o trecho da rua 1.º de Março, em que se acha installada a Escola Normal, ia progressivamente tomando um aspecto festivo, vendo-se aqui e ali creanças de ambos os sexos, em grupos encantadores, todas com o riso nos labios e a satisfação a emoldurar-lhes as feições de candura e de innocencia.

Franqueado o edificio aos visitantes e aos que quizessem assistir a cerimonia da inauguração do novo estabelecimento de educação, nelle tiveram ingresso alumnos, muitos convidados, auctoridades, professores e populares. Todas essas pessoas eram recebidas gentilmente pelo esforçado educador que se acha á frente da direcção da Escola Normal, o sr. prof. Leowigildo Martins de Mello, auxiliado, a seu convite, pela intelligente professora d. Almirra de Mendonça.

Logo após a chegada do sr. coronel Presidente do Estado, fez-se ouvir a banda de musica do Batalhão de Policia, e, decorrido algum tempo, occupando uma das extremidades do vasto salão destinado ás aulas, declarou s. exa. installada a Escola Normal, proferindo então algumas palavras sobre o acto e analysando em linhas geraes o papel que futuramente virá a desempenhar aquella casa de instrucção.

Proseguindo, e depois de uma serie de considerações sobre o verdadeiro ensino e a verdadeira educação da infancia e da mocidade, s. exa. dirigiu-se ao corpo docente e dicente do estabelecimento, concitando-os a se compenetrarem da grandeza da missão que assumiram em pról do progresso de Matto Grosso.

Falou em seguida o sr. prof. Leowigildo de Mello, no caracter de director da Escola Normal, o qual, referindo-se especialmente aos alumnos, lhes fez uma synthese da vida do professor primario, mostrando que a escola é a officina onde se preparam os cidadãos; que o mestre é o evangelizador das turbas modernas, o pre-

goeiro da religião da verdade, bebida na luz da sciencia e asente no amor da Patria.

Vibrante, palavra facil e arrebatadora, o illustrado compatriocio falou concitando a mocidade ao entusiasmo e ao patriotismo, pedindo aos futuros professores que se voltassem ás luctas do saber com amor e com o coração, para que a Patria Brasileira, que já é grande, maior se torne ainda.

Da solennidade que resumidamente descrevemos, lavrou-se a seguinte acta:

A's nove horas da manhã de primeiro de Fevereiro de mil novecentos e dez, no edificio da Escola Normal, sito em o numero 16, da rua 1.º de Março, nesta cidade de Cuiabá, capital do Estado de Matto-Grosso, presentes o ex.º sr. coronel Pedro Celestino Corrêa da Costa, d.d. Presidente do Estado, autoridades federaes e estadoaes e demais pessoas que este termo subscrevem, foi por s. exc. o Presidente declarada installada a Escola Normal do Estado de Matto Grosso, cuja constituição é a seguinte:

Director — Professor Leowigildo Martins de Mello. — Lentes — dr. Annibal Benicio de Toledo, dr. Eduardo Parisot, professor Leowigildo Martins de Mello, Fenelon Muller e Fabio Lima, respectivamente das cadeiras de Portuguez, Francez, Pedagogia, Mathematica e de Geographia.

Do que, para constar, lavrou-se o presente termo que vae por todos assignado:

Escola Normal de Matto Grosso, em Cuiabá, 1.º de Fevereiro de 1911.

Pedro C. Corrêa da Costa. — José Estevão Corrêa. — Victorino da Silva Miranda. — Eduardo Parisot. — Major José da Veiga Cabral. — Annibal Benicio Toledo. — Desembargador João Carlos Pereira Leite, procurador geral do Estado. — Flaviano Gomes de Barros. — Gustavo Kuhlmann. — Fabio Monteiro de Lima. — Avelino de Siqueira. — Ovidio de Paula Corrêa. — Fenelon Muller. — José de Oliveira Rios. — João Licio Borralho. — Germano Emilio da Silva. — Antonio G. de Campos, d'A *Imprensa*. — Cezario C. do Prado. — Francisco Alves de Castro. — Humberto da Silva Pereira, do *Labaro*. — Severiano Godofredo de Albuquerque. — Aristides Rondon. — Joaquim Corrêa Rondon. — José Jacintho de Moraes Navarro. — Estevão de Mendonça. — Almira de Mendonça.

A encantadora festa terminou por um canto patriotico — PELA PATRIA, executado ao piano e acompanhado pelas alumnas da Es-

cola Modelo, Benedicta Ribeiro e Rita Pereira Leite, e pelas alumnas da Escola Normal, Francisca de Figueiredo e Laurinda Ribeiro.

Como corollario do entusiasmo que vai beneficemente empolgando as almas juvenis, podemos dar aos leitores a significativa noticia de que as alumnas da Escola Modelo e as da Escola Normal acabam, por um impulso todo expontaneo de iniciar entre si uma subscrição, com o fim de fazerem aquisição da materia prima destinada a dous estandartes, integralmente confeccionados pelas suas proprias mãos, os quaes pertencerão respectivamente a uma e a outra secção.

Tambem decidiram as referidas alumnas bordar e offerecer uma bandeira nacional aos alumnos do Grupo Escolar do 1.º districto, afim de se iniciar, por essa fórma, a organização de um batalhão escolar.

A Instrucção Publica em Santa Catharina

Professor Orestes Guimarães

Como sabem os nossos leitores, este digno professor paulista está organizando o ensino publico do Estado de Santa Catharina, como director do grupo escolar da cidade de Blumenau.

Tão bons serviços, porém, tem elle prestado naquelle cargo, que o Governo de Santa Catharina resolveu ampliar-lhe a acção nomeando-o inspector geral do ensino do prospero Estado, como se vê da seguinte noticia que transcrevemos d'*O Dia*, organ official do partido republicano catharinense:

«Por Decreto, de hontem datado (8 de Junho de 1911), o exmo. sr. coronel Governador do Estado distinguiu com a nomeação de Inspector Geral do Ensino, ao nosso estimado amigo sr. professor Orestes de Oliveira Guimarães, que com intelligencia e criterio tem auxiliado efficazmente o Governo na obra patriotica da reforma da nossa Instrucção Publica.

Felicitando o nomeado, estamos certos de que a sua comprovada competencia muito concorrerá para o bom exito da obra em que o Governo acha-se empenhado.»

Daqui tambem enviamos muitos parabens ao distincto collega.

Relação das obras didacticas, adoptadas nas escolas publicas daquelle Estado, de conformidade com o Decreto n. 596, de 7 de Junho de 1911, do Governador do Estado :

- 1.—Cartilha—Arnaldo Barreto.
- 2.—Leitura Preparatoria—Francisco Vianna.
- 3.—Primeiro Livro—Francisco Vianna.
- 4.—Segundo Livro—Francisco Vianna.
- 5.—Terceiro Livro—Francisco Vianna.
- 6.—Minha Patria—Pinto e Silva.
- 7.—Cadernos de Calligraphia Vertical—Francisco Vianna.

ERROS NO ENSINO

CAPITULO 1.º

ERROS SOBRE O OBJECTO DA EDUCAÇÃO

Os defeitos dos systemas de educação, e os erros dos seus methodos, originaram-se de idéas vagas e erroneas em relação ao verdadeiro objecto da educação. Toda a nossa actividade em planejar primeiro e em executar depois esses nossos planos, é limitada por nossos ideaes. Mesmo quando nossos planos pudessem ser acertados, si o nosso ponto de vista não é verdadeiro e preciso, o bem alcançado seria relativamente pequeno. Um plano perfeito para a execução de um fim imperfeito, em vez de um bom, pode produzir um mau resultado. Os erros communs com relação ao fim da educação são os seguintes:

I. *E' um erro considerar o saber mais importante do que a criança.* Este é um erro fundamental. Durante seculos o espirito dos professores tem sido obscurecido pela maxima *acceta*: «saber é poder». Isto, porém, só em parte é verdade. O valor que se attribue a esta verdade parcial impede-nos a concepção da verdade integral, que se acha além. O saber, em si, não é o poder. Um unico ser humano vale infinitamente mais do que todo o saber que lhe possa ser communicado, ou que elle possa adquirir. O saber, em si, não tem nenhum poder de desenvolvimento. O homem tem. O homem é o mais grandioso poder creadopela natureza, e elle deve continuar a desenvolver-se sempre. O professor tem de tratar com dois elementos de poder, a criança e o saber. A attenção dos educadores tem sido principalmente votada ao saber. Assim não deve ser.

As influencias do bem e do mal, no individuo, tornam-se cumulativas pela hereditariedade.

A influencia de um mal qualquer, não sendo refreada, tornar-se-ha mais forte de geração em geração, podendo porém ser eliminada em quatro gerações.

A influencia do bem, ao contrario, quando expressa em actividade determinada, continúa para sempre. E si o homem nunca

pudesse eximir-se dos efeitos das más tendencias, é igualmente claro que, como individuo ou raça, jámais poderá melhorar sem o proprio esforço consciente. Ajudal-o neste esforço consciente — eis qual deve ser o ponto de vista do professor.

Desnecessario é prescrever quanto desenvolvimento é possível na raça humana, no futuro. As questões que mais importa indagar são: Poderá a humanidade elevar-se a um plano mais alto physica, intellectual e moralmente? Poderá esta tendencia para subir tornar-se mais forte, mais dominadora, á proporção que ella fôr progredindo? Um systema de educação, baseado numa philosophia que não dê respostas affirmativas e definidas a estas perguntas, será estreito e fraco, e não poderá inspirar o verdadeiro professor. Quando tivermos uma concepção clara dos valores relativos da criança e do saber, teremos um meio infallível de separar o ouro da escoria, nas theorias da educação, descobrindo a harmonia que realmente existe entre os bons pensamentos de escriptores que hão encarado a educação sob pontos de vista muito differentes.

Não se pôde dar melhor exemplo do efeito obcecador de uma concepção estreita e erronea do verdadeiro ponto de vista da educação, do que aquella que se nos depára na má comprehensão da verdade fundamental dos systemas de Pestalozzi e de Frœbel, pela maioria dos professores da Inglaterra e da America. Pestalozzi e Frœbel fizeram as crianças servir-se de cousas materiaes, como meio de pôr em acção os seus systemas. Não dêram os objectos ás crianças para que podessem aprender o respeito das cousas em si mesmas. Seu fim principal era, despertando os poderes mentaes, industriaes e constructivos da criança, convertel os em actividade definida, receptiva e productiva, e no consequente desenvolvimento, pelo emprego do material posto em suas mãos. Professores Inglezes e Americanos, com a visão mental obscurecida pela idéa de que o augmento de conhecimentos é o objecto maximo da educação, viram, no emprego das cousas, um meio de aprender mais facilmente e mais a fundo a natureza e os caracteristicos das proprias cousas. E' certo que ganhamos com esta visão parcial da verdade, por isso que os nossos methodos de communicar conhecimentos melhoraram muito, descobrindo-se então mais claramente as vantagens dos exemplos objectivos de qualquer assumpto de estudo, mas isto foi só uma pequena parte da verdade revelada por Pestalozzi e Frœbel. Seu principal objectivo era o desenvolvimento harmonico das faculdades humanas, tendo por fim augmentar o poder da humanidade para o bem; sendo que o augmento de conhecimentos já em extensão, já em precisão era uma parte secundaria e meramente accidental de sua obra. Nós, porém, invertemos esta ordem, fazendo do saber nosso principal

objectivo, e do desenvolvimento, até onde elle nos preoccupa, uma resultante incidental de nossos conhecimentos. Esta distincção é de consequencia vital. Nossa má comprehensão fez do gabado systema de *lições de cousas*, em pontos essenciaes, a mais ridicula tentativa de ensino que jámais se introduziu numa escola.

Nenhum professor se achará preparado para começar o seu trabalho, emquanto não tiver comprehendido que seu principal dever é exercitar seus alumnos, para que se elevem além das posições que occupam individualmente, no momento em que são collocados sob a sua direcção.

II. *E' um erro fazer da transmissão de conhecimentos o grande objectivo do ensino, mesmo na educação intellectual da criança.* — O professor deve enriquecer o espirito de seus alumnos. Quanto mais conhecimentos lhes communique tanto melhor, mas que não atrophia nelles o poder de adquirir conhecimentos por si mesmos, independente de auxilio extranho. Seria erro grave induzir cada alumno a tentar, com experiencias e investigações originaes, a aquisição dos conhecimentos accumulados em cerca de sessenta seculos. Erro ainda maior seria o do professor que tentasse communicar todos estes conhecimentos aos seus alumnos. A quantidade de verdade, mesmo conhecida, que é possível aprender durante a vida escolar, é comparativamente pequena. Por valioso que seja o saber, mais valioso é o poder de o adquirir pessoalmente. Quanto mais eu estimo o saber, tanto mais empenho porei em exercitar meus alumnos, afim de que possam continuar a adquirir o depois de deixarem a escola. Que vantagem não ha para elles em adquirir rapidamente a verdade dos livros, dos seus semelhantes e do mundo physico! O resultado de um exercicio intellectual adequado não deve ser o augmento do mero saber, mas o poder adicional de investigar a verdade conhecida, e de descobrir verdades ainda não reveladas.

III. *E' um erro julgar que a educação deve completar-se na escola.* — Ha pouco estudo systematico, depois da vida escolar, com a idéa definida de disciplinar o espirito, ou de alargar o poder intellectual. Os annos, em que um homem deve executar seu melhor trabalho independente, são geralmente desperdiçados. Não ha outra mais forte condemnação para um systema de educação, do que o facto de uma geração de alumnos, educada segundo este systema, sahir da escola sem o desejo, ou ainda sem a capacidade de continuar o estudo. Os alumnos têm, naturalmente, o desejo de saber. Como qualquer outra tendencia boa, esse desejo pôde ser desenvolvido, e augmentado em vigor e intensidade. Si os processos do professor forem acertados, esse desejo deve necessariamente augmentar. Ao professor cumpre, pois, desenvolver este desejo natural, de modo a crear um dever no habito consciencioso

do estudo regular. «Eu gosto» deve ceder, quando necessario, ao «Eu devo». O professor procederá com seus alumnos em todos os departamentos do ensino, como fazia o Dr. Arnold no da historia; «Mostrae-lhe que o solo contem ouro, e induzi-os a cavarem-no» Os alumnos não se excitam bastante para extrahir o pensamento rapido e claramente da materia impressa. Um dos movimentos educativos mais valiosos deste seculo é a agitação em favor de um estudo systematico, para uma comprehensão mais larga e mais vasta, depois de encerrado o cyclo da vida escolar.

IV. *E' um erro contentar-se em desenvolver uma attitudo promptamente receptiva do espirito para com o saber.* — A receptividade prompta é boa, mas a productividade activa é muito melhor. Por maior que seja o poder de adquirir conhecimentos prompta e perfeitamente, o poder de os empregar vantajosamente é muito maior. A aquisição do saber no seu mais alto desenvolvimento será de pouca utilidade, si não fôr acompanhada do seu motivo e da habilidade de o empregar desinteressada e vantajosamente. Quantos homens existem com preparo vasto e grande facilidade em adquirir conhecimentos addicionaes, que, no emtanto, não tem nenhuma influencia directa na elevação social ou moral da raça. O poder executivo da intelligencia consiste essencialmente em habilitar o homem a executar qualquer trabalho, a que possa ser chamado. Elle póde ser desenvolvido e, portanto, é dever evidente do professor auxiliar esse desenvolvimento. O saber póde empregar-se de dois modos: como base do raciocínio, e como guia para melhorar nossa propria condição e a de nossos semelhantes. O professor não póde deixar de augmentar a promptidão e o poder de seus alumnos para se servirem do saber dos dois modos, si se lembrar de que o saber deve ser applicado logo depois de aprendido, e que a verdade nunca se torna clara emquanto não nos servimos d'ella, crystalizando-a numa actividade viva. O processo de decorar foi abandonado em favor do ensino oral; reconhecendo-se a fraqueza do ensino oral, avançou-se um passo para a frente, quando o lemma inspirador dos professores veiu a ser, «Aprendemos pela vista». Este lemma, por sua vez, foi abandonado pelos professores em favor de outro melhor. «Aprendemos, fazendo». Depois de tudo quanto temos lido, ouvido e visto, somos hoje o producto do que temos feito, até onde nos havemos modelado pelas forças educativas.

O professor terá cumprido exactamente sua obrigação para com seus discipulos, no ponto de vista intellectual, quando tiver abastecido seu espirito, quando os tiver habilitado a adquirirem conhecimentos por si com exactidão, quando tiver desenvolvido seu amor natural pelo saber, e lhes tiver dado o poder de servirem-se do saber na medida de sua capacidade individual.

V. *E' um erro descuidar a educação physica dos alumnos.* — A natureza physica da criança faz parte, e parte importantissima, de sua provisão de poder. Os poderes physicos podem desenvolver-se tão facilmente e tão systematicamente como os poderes mentaes. No movimento ascendente da raça humana, o ponto de partida essencial para um adiantamento definido é o melhoramento do corpo. Os homens seriam maiores, intellectualmente, e mais puros moralmente, si tivessem corpos melhores. O facto de se obter um certo desenvolvimento physico fóra da aula, não isenta o professor de sua obrigação a respeito do exercicio physico. E' verdade que fóra da aula se consegue mais desenvolvimento intellectual do que dentro, mas isto não impede que nos esforcemos por fazer da escola um meio adicional de desenvolvimento mental.

A importancia que ha em collocar as crianças em condições physicas favoraveis, quando occupadas no estudo, é agora universalmente reconhecida. Usualmente ha, e deve sempre haver, na aula, boa luz, calor, assento commodo e ventilação. Mas isto não basta. Os alumnos têm direito a uma cultura physica determinada, por meio de exercicios callisthenicos, cuidadosamente escolhidos, pelas seguintes razões:

1. Para dar um descanso muito benefico ao cansaço de um longo estudo, na mesma posição.
2. Para levar o sangue a circular livremente até as extremidades e impedir um habito chronico de excesso de sangue no cerebro, como resultado do estudo.
3. Para alargar o peito, e assim augmentar a capacidade dos pulmões e a força do coração.
4. Para conservar a saude do corpo em uma condição vigorosa.
5. Para augmentar a força de nossos alumnos.
6. Para desenvolver o seu poder de resistencia.
7. Para dar-lhes uma figura erecta e um porte gracioso. O andar e o porte de um homem exercem uma valiosa influencia sobre os seus semelhantes. O nosso corpo é susceptivel de melhoramento pelo exercicio apropriado. Um soldado inglez, sem uniforme, póde ser reconhecido em qualquer parte do mundo, embora seus membros inferiores sejam os unicos visiveis. A influencia dos exercicios, no começo da vida, é muito maior do que em idade mais avançada, para dar uma acção graciosa e um porte viril. Os alumnos têm direito a uma cultura que, melhorando-lhes o corpo, augmente o seu dominio sobre si mesmos. E' um bom instincto o que impelle as mães a mandarem seus filhos a uma escola de dança, para que adquiram maneiras graciosas e acção facil de seus musculos. A necessidade de recorrer, para esse fim, ao mestre de dança muito desabona as escolas.

As crianças devem receber a devida cultura physica na escola, onde não estarão expostas a influencias enfraquecedoras. Si por um lado a dança dá graça e facilidade de movimentos, por outro lado conduz o character a uma certa leviandade e instabilidade. O exercicio, ao contrario, desenvolve a firmeza, a precisão e a dignidade.

8. Devem praticar-se exercicios afim de melhorar a expressão mimica. O gesto apropriado sempre accrescenta clareza e emphase á expressão de nossos pensamentos. Aquelle que fala sómente com a lingua, só emprega uma parte de seu poder para instruir ou influir sobre seus semelhantes. Muitas pessoas são tão accessiveis á influencia do movimento gracioso como aos efeitos do tom, da emphase e da inflexão combinados. As acções de um habil athleta são sempre attrahentes e agradaveis. Os exercicios de gesto e os exercicios callisthenicos executados por um grande numero de crianças delectam os assistentes mais do que a propria musica. Tornar os corpos dos alumnos harmoniosamente obedientes ao seu espirito é um facto digno do maior cuidado do professor. Ao executar exercicios callisthenicos, as varias partes do corpo agem, necessariamente, em obediencia á vontade da criança. A vontade do professor ou do chefe, expressa pela palavra de commando, é o motivo que põe em acção a vontade da criança, mas os movimentos do corpo são governados pelo proprio espirito della. Os exercicios callisthenicos, praticados regularmente na escola, farão que o gesto se torne habito e contribuirão para tornar o corpo sympathicamente sujeito aos sentimentos e pensamentos do espirito.

9. Os exercicios physicos constituem o melhor meio de desenvolver nos alumnos uma energica e definida actividade intellectual, conduzindo-os á execução. O nosso poder executivo, o mais importante departamento de nossa natureza intellectual, depende do modo de traduzir nossa força de vontade em actividade. O habito de acção energica e definida da vontade augmentará a influencia do homem para o bem, mais do que qualquer outro poder que o professor possa nelle desenvolver. Os exercicios, devidamente executados, favorecem de duas maneiras a formação deste habito de acção da vontade. A vontade deve estimular uma actividade energica e definida, para levar a um vigoroso movimento physico; e uma acção physica definida reage sobre a vontade e tende a tornal-a correspondentemente definida. E' fóra de duvida que o professor, deixando executar exercicios callisthenicos de um modo descuidado e indeciso, desenvolve uma correspondente falta de attenção e correcção.

10. O exercicio physico tende a fortificar a natureza moral. O menino, que tem um corpo inclinado e um andar arrastado,

não pôde deixar de vir a ser um typo moral e intellectualmente melhor e mais elevado, si fôr exercitado para apoiar-se nos dois pés, pisar com firmeza e graça, cerrar os olhos, conservar os hombros para traz e a cabeça erecta e olhar o professor de frente. Está universalmente reconhecido que a natureza moral de um homem altera a expressão physica do rosto. Pois isto tambem se verifica, embora em menor escala, em relação ao corpo inteiro. Como a natureza moral influe sobre o corpo, assim o corpo, até certo ponto, influe sobre a natureza moral. O grande movimento expansivo dos braços, em correspondencia com o sentimento da liberdade, torna o sentimento mais profundo e mais forte. A nossa natureza espiritual agiria mais livremente, si fosse alliviada do constrangimento physico, e, portanto, quanto mais perfeitamente o nosso corpo fôr desenvolvido e disciplinado, tanto mais favoraveis serão as condições para o desenvolvimento psychico.

11. Os exercicios physicos prestam um grande serviço ao professor, como meio de manter a ordem. A desordem é o resultado da energia mal dirigida. A energia tem uma razão de ser, o dever do professor é achar uma expansão legitima para a energia, e não reprimil-a. A expansão fornecida á energia da criança não deve desperdiçar-se, mas utilizar para conseguir alguma vantagem para ella propria. Todo o gasto de energia pôde vir a ser um auxiliar para o desenvolvimento do individuo. A energia physica excedente não pôde ser empregada com mais vantagem do que em exercicios callisthenicos. Este emprego impede que ella se applique á desordem, e, ao mesmo tempo, proporciona a saude, a força de resistencia e a graça nas crianças.

Os professores das escolas ruraes, desculpam-se de seu descaso pelos exercicios callisthenicos, dizendo que seus alumnos têm bastante exercicio physico. Esquecem que a força não é o unico beneficio que resulta do exercicio. Olhae para aquellas fileiras de bem exercitados meninos no pateo da escola, promptos a marchar para dentro do edificio! São quinhentos rapazes, fortes, de figuras erectas e movimentos graciosos. Vêde aquelle menino, perto do centro da segunda fileira! Podereis destacal-o immediatamente de um grupo tres vezes maior. Como abaixa os hombros, como é desageitado! Acaba de chegar da gymnastica da enxada. Seu professor rural acha-se ao nosso lado e ouvindo a nossa critica, diz: «Não deveis criticar a Thomaz. Elle é mais forte do que qualquer outro menino da fileira de igual idade». Pôde ser, mas a vós, seu professor, nenhum merito cabe pela sua força; mereceis, ao contrario, uma grande censura, por deixal-o crescer com o corpo deformado e um andar deselegante. Os filhos e as filhas de lavradores têm direito aos beneficios moraes, mentaes e phy-

sicos da callisthenia e dos exercicios do mesmo modo que as outras crianças.

Outros professores desculpam-se de não terem tempo para exercicios physicos. Estes professores devem lembrar-se de duas cousas :

1. Os exercicios praticados frequentemente poupam tempo, por melhorarem a disciplina, e impedem que o professor e os alumnos se irrite.

2. Nunca se deve deixar um alumno trabalhar sessenta minutos em uma hora. Muito menos que o façam durante cinco ou seis horas por dia, que, si o podessem, lhes seria muito prejudicial. Quando os alumnos são forçados a tentá-lo, trabalham com menos presteza. Aquelles que dedicam 50 minutos ao trabalho intellectual e dez minutos a exercicios physicos terão mais conhecimentos, melhor corpo, disposições mais felizes e maior força intellectual, do que si fossem obrigados a labutar penosamente no mesmo trabalho intellectual, durante todo o tempo escolar.

VI. *E' um erro descuidar a educação industrial nas classes primarias.*

1. O principal fim da humanidade é ganhar a vida.

2. E tambem o instrumento pelo qual a maior parte de nossas concepções intellectuaes têm de ser executadas.

3. As faculdades intellectuaes das crianças são despertadas, pelo trabalho sobre cousas materiaes. Poucos paes observadores terão deixado de notar que as crianças têm naturalmente tendencias destructivas e tendencias constructivas. Ambos os instinctos lhes são dados para um fim bom : O primeiro — para que adquiram conhecimentos pela investigação ; o segundo — para que possam applicar os conhecimentos adquiridos, ou servindo se das cousas, ou fazendo-as, ou construindo. Em ambos os casos, a criança tem de servir-se das mãos para executar o seu designio. Nenhum espirito, a não ser o della proprio, póde guiar-lhe a mão ; seu espirito deve completar o cyclo do processo intellectual. E' preciso observar, pensar, decidir e executar. Alguns escriptores recommendam a cultura, cada uma por sua vez, de series do que chamam faculdades ou poderes mentaes, e fixam as idades em que as faculdades observadoras, as faculdades de comparação e as faculdades do raciocinio devem ser desenvolvidas. Não completam o cyclo. Deixam ao acaso a disciplina da acção da vontade, a parte mais essencial da cultura intellectual. Não é com taes fragmentos de trabalho mental que a criança se desenvolve antes de ir para a escola. Ella realiza o cyclo de processo intellectual em todas as occasiões. A maneira de executar cada parte do processo, naturalmente, depende da idade e do desenvolvimento ; mas nunca se dará á criança por satisfeita, enquanto o pensamento,

adquirido pelos sentidos, não esteja desenvolvido em um plano, e activamente executado. A reiteração deste processo mental, completando-se cada dia, define e fortifica o poder mental. O espirito ganha força, do mesmo modo que o corpo, por exercicios convenientes. A criança não trabalha com abstracções, mas com objectos. Cumpre que ella continue a fazer o mesmo por um tempo consideravel, depois que entrar na escola. Esta foi a idéa radical de Froebel num departamento dos trabalhos do Jardim da Infancia. Depois da criança iniciar o seu curso em escola primaria, deve continuar a ser exercitada em trabalho manual. Este é especialmente o caso das escolas não graduadas. O problema mais difficil nas escolas ruraes e não graduadas é achar uma occupação para as criancinhas, enquanto o professor está occupado com outras classes. Demasiadas vezes as criancinhas estão no caso do menino a quem se perguntou. «Que fazia quando não estava dando a lição?» Sua resposta foi : «Oh ! nada, fiquei sentado, quieto, esperando a hora de terminarem as aulas» Que felicidade seria para milhares de meninas e meninos desoccupados na escola, e que se estão educando em habitos de ociosidade, por fórma que jámais poderá ser neutralizada por nenhum estimulo proporcional ao esforço, si lhes fosse permittido trabalhar, durante parte do tempo, de qualquer dos seguintes modos :

1. Em algumas das occupações do Jardim da Infancia.
2. Em trabalhos de agulha (costurar, fazer meia, etc).
3. Com pedaços de madeira e canivetes, verrumas e outros instrumentos que não fazem barulho.
4. Em trançar palha.
5. Em tecer esteiras, chapéos etc., de palhinha, capim, etc.
6. Em modelar em barro.

O professor deve attender a que o material empregado não seja caro, e a que os objectos manufacturados sirvam para algum uso ou ornamento. Importa que se dê bastante oportunidade á invenção original, com applicações variadas do material, pelos proprios alumnos. Os meninos e as meninas devem fazer o mesmo trabalho nas classes primarias.

Esse trabalho é muito necessario, afim de impedir a ociosidade e a consequente desordem, ao mesmo passo que se cimenta com elle a melhor base possivel para a habilidade industrial, pelo desenvolvimento da destreza manual, e pela iniciação dos alumnos no emprego, para fins praticos, da enorme quantidade de materia prima que, em geral, se desperdiça ; mas seus melhores efeitos educativos apparecerão no desenvolvimento do crescente poder intellectual e da maior actividade productiva.

Entre os erros commettidos, onde a educação industrial se tem tentado, podemos nomear os seguintes :

1. O trabalho manual, feito nas escolas publicas, tem-se limitado principalmente ás meninas. Os trabalhos de agulha são os até aqui introduzidos em escala consideravel. Estes trabalhos têm-se ensinado, não como meio de fazer dellas creaturas mais intellectuaes e moraes, e sim como uma cousa util na vida futura; não com a idéa de adestrar a mão, mas para que as meninas possam vir a fazer uma certa especie de trabalho, quando cheguem á idade adulta. O erro provém de haverem pensado os educadores na somma de conhecimentos a dar ás crianças, em vez de pensarem na propria criança. Os meninos tambem precisam de trabalhos manuaes tanto como as meninas, tanto para os fins utilitarios como para os fins de desenvolvimento. As meninas recebem esta cultura em casa muito mais do que os meninos. Entretanto, a escola descarta dos meninos para attender sómente ás meninas. « Os dedos dos meninos são todos pollegares, como se costuma dizer; mas devem ser tão destros como os das meninas, e sel-o-hiam certamente si tivessem o mesmo exercicio.

2. Tentativas tem havido para ensinar officios na escola. E' um erro, porque as meninas tem o mesmo direito que os meninos á educação manual, e tambem porque o ensino de um officio particular a uma classe predispõe os individuos da classe áquelle officio, como meio de vida. A escola não tem o direito de fazer isso. Escolas especiaes de artes e officios pôdem ser muito valiosas, como meio de preparar áquelles que pretendem seguir certas occupaões, mas não devem fazer parte de um systema geral de educação.

3. A educação manual não se dá tão cedo como convém no curso escolar. A educação manual de um povo deve-se fazer nas escolas primarias, por tres razões. Primeira: são as unicas escolas em que todos os alumnos podem receber tal ensino. Mesmo quando fossem geralmente estabelecidas escolas especiaes de trabalho manual, ou escolas technicas, só uma pequena porcentagem a ellas chegaria. Segunda: porque os dedos são mais susceptiveis de educação nos primeiros annos, do que mais tarde. Terceira: porque durante o periodo da escola primaria, as faculdades intellectuaes das crianças desenvolvem-se mais rapida e mais harmonicamente, guiando as mãos para trabalhar em cousas materiaes.

7. *E' erro descuidar de uma cultura systematica da natureza moral na escola.*—A natureza moral é susceptivel de disciplina. O discernimento espirital pôde ser avivado, intensificado e fortalecido. O poder de governar as nossas tendencias enfraquecedoras se tornará mais forte a cada esforço bem succedido no exercicio desse governo. E' erro grave augmentar-se em um homem o poder physico e intellectual, sem procurar assegurar que elle ve-

nha a empregar tal poder para fins bons. E' crueldade agravar as responsabilidades dos seres humanos, sem ao mesmo tempo fortificar-lhes a força moral. Melhorar o desenvolvimento da natureza physica e mental de uma criança, é o mesmo que augmentar as possibilidades de seu desenvolvimento moral, mas o desenvolvimento moral não seguirá, como consequencia necessaria, o desenvolvimento physico e intellectual. Intelligencia augmentada não significa resistencia ao crime, nem elevação geral da raça. Esta poderia verificar-se sómente na hypothese de que os homens jamais praticassem aquillo que sabem ser crime. A propria natureza moral precisa ser educada. Esta cultura moral deve começar cedo. D'ahi a grande responsabilidade da escola, como instrumento para augmentar a força moral da raça.

Antes de ter a criança idade bastante para ir á escola, muita coisa sobre moral já aprendeu. O professor deve começar, pois, logo a desfazer o mal, e a reforçar o bem que achar fraco. Pouco bem e muito mal pôde elle fazer com lições formaes de moralidade. Nossas palavras de conselho devem certamente pesar sobre os nossos alumnos, nossos exemplos terão uma influencia boa sobre elles, mas as suas proprias acções lhes affectam o caracter moral mil vezes mais efficaçmente que tudo quanto lhes dissermos ou fizermos. Nossas palavras e nossos actos influem realmente sobre elles para o bem, antes mesmo de os porem elles em pratica como uma resultante de sua propria actividade. O maior dever do professor, na educação moral de seus alumnos, é ver si os seus actos são correctos. Cumpre-lhe prestar attenção aos menores e mais communs detalhes do trabalho que se liga a cada um dos deveres especiaes destinados aos seus alumnos, já em classe, já como individuos. Nenhum acto voluntario, por mais trivial que seja, pode ser executado por uma criança, antes que ella primeiramente se decida a executá-la. Ella deve decidir cada caso, ou em conformidade com o direito, tal qual o reconhece; ou em opposição a elle. Cada vez que decide pelo direito, sua vontade e sua consciencia alcançaram uma victoria; cada vez que a sua decisão estiver em desaccordo com sua concepção do direito, sua vontade e sua consciencia foram subjugadas. Cada victoria fortifica a vontade e a consciencia; cada derrota as enfraquece. Derrotas successivas, mesmo em negocios absolutamente triviaes, podem enfraquecer a vontade e a consciencia, levando-as a perder o poder de se governarem. Quando a vontade e a consciencia de um menino chegam a este gráu de enfraquecimento, fica-lhes muito pouco material para formar um homem. Na escola deve haver uma unica lei geral; «Cumpre a todos proceder segundo o direito». Em relação a esta lei, o professor tem dois deveres; dar aos alumnos concepções claras e definidas

do direito em face de seus varios deveres escolares, e assegurar uma adhesão solida ao direito, em todos os detalhes. No principio pôde-se conseguir esta harmonia com a lei, pelo exercicio da vontade do professor, como força motriz, dominando a vontade do alumno. A vontade de uma criancinha desenvolve-se rapidamente em correspondencia docil e sympathica com uma vontade superior. Logo, porém, que fôr possível, o alumno deve ser levado a decisões consciences e independentes, no sentido de um recto proceder. Taes decisões devem ser obtidas sómente em relação a deveres de immediata execução. Isto é da maxima importancia. Despertar sentimentos puros e pensamentos bons, com referencia a deveres distantes ou vagos, é uma pratica muito perigosa, e demasiado commum nas escolas dominicaes e nas escolas publicas. O novo desenvolvimento moral, segue esta ordem: SENTIMENTO, JENSAMENTO, DECISÃO E ACCÃO. Os tres primeiros passos são inuteis, sem o quarto. Cada vez que um menino dê os dois primeiros passos sem ir mais lónge, fortifica-se nelle o habito de descuido no cumprimento do dever; quando executar os primeiros tres sem dar o quarto, torna-se mais fraco como força moral executiva.

Quando o alumno sáe da escola, para assumir seus deveres de cidadão, seu character moral deve ser consciencemente definido, ao menos nos seguintes particulares:

1.º Que a consciencia e a vontade devem ter-se tornado bastantes claras e fortes para leval-as a prestar uma obediencia voluntaria á lei, como pratica invariavel, e não meramente como theoria. O desprezo das prescripções escolares converte-se em desobediencia á lei na sociedade. Ninguém pôde respeitar as leis moraes, si desafia consciencemente as leis politicas. A prompta submissão á lei é um dos primeiros deveres do homem para com o Estado e para comsigo mesmo.

2.º Seu respeito á lei deve converter-se em odio pela tyrannia e em amor pela liberdade. Uma verdadeira concepção do que ha de respeitavel na liberdade de cada um é a raiz de todo o desenvolvimento do individuo. A lei é a liberdade perfeita para o homem livre, que só almeja fazer o que é justo.

3.º Com a consciencia de liberdade individual deve surgir uma crença accentuada no poder individual. Todo homem deve saber que a raça, como conjunto, nunca poderá avançar, com a maxima rapidez em seu progresso, sinão quando cada individuo fizer seu dever na medida de suas forças. Os homens, quando se lhes pede que trabalhem em pról de algum grande principio, dizem: «Oh! é indifferente que eu trabalhe ou deixe de trabalhar: A verdade cuidará de si». A verdade nunca cuidou de si. Ella precisa de advogados, e jámais poderá prevalecer completamente, como deve, emquanto um só individuo que seja deixar de fazer

em sua defesa a parte que lhe compete. E' preciso que todo homem sinta a convicção de que a humanidade se enfraquecerá, si deixar de cumprir intrepidamente o seu dever.

4.º A liberdade e o poder do individuo conduzem á responsabilidade individual. O professor prudente faz pesar alguma responsabilidade sobre cada alumno, a respeito do bem-estar da escola, como um conjunto, e deste modo elles adquirem a consciencia da harmonia que resulta do cumprimento do dever individual, e das más consequencias que acompanham o insuccesso individual. O exacto cumprimento de certos e determinados deveres na escola é o meio mais seguro de levar ao reconhecimento da responsabilidade individual para com o Estado e para com a sociedade.

5.º Uma das melhores cousas que um professor pôde fazer em beneficio de um alumno é incutir-lhe uma confiança justa em si mesmo. Si metade do poder da humanidade não se emprega para o bem, é porque os homens têm uma grande falta de fé em si mesmos, que os torna incapazes de cristalisar com exito suas inspirações em conhecimentos. Convicções definidas de liberdade individual, de poder individual e de responsabilidade individual, sob a direcção de um verdadeiro professor, conduzirão o alumno a uma fé mais forte em si. A verdadeira fé no proprio poder não é aquella presumpção que a leva a ficar satisfeito comsigo, e paralyza o seu desejo de desenvolvimento continuo; isto já é vaidade. A verdadeira confiança em si é aquella que impede os homens de serem meros imitadores de seus predecessores, ou discipulos de demagogos interessados. Um homem que tem fé em si torna-se, na medida de sua habilidade natural, capaz de melhorar sua arte ou a profissão que adopta como esphera de trabalho, exercendo assim influencia salutar sobre a sociedade. Como a fé em si conduz ao mais pleno exercicio do poder plastico, assim a actividade systematica da força intellectual e moral de um alumno naturalmente desenvolve a fé em si mesmo.

Os verdadeiros fins da educação são:

1.º Physicamente. Exercitar o corpo, para que possa ser forte, sadio, vigoroso, gracioso, habil e possuidor de uma actividade submissa á vontade.

2.º Intellectualmente. Abastecer o espirito de conhecimentos, desenvolver o amor do saber, preparar-nos para a aquisição independente do saber, e regular o exercicio no emprego do saber.

3.º Moralmente. Fortificar a consciencia e a vontade pela formação do habito de sentimentos puros e pensamentos bons, por uma actividade immediata; para assegurar a prompta obediencia á lei, como a incarnação do direito; para implantar o amor da liberdade; para dar uma consciencia do poder e da responsabilidade individual, e para desenvolver em cada criança a fé em si.

CAPITULO II

ERROS EM DIRECÇÃO ESCOLAR

8. *F' erro desprezar os detalhes de direcção escolar.* — A atenção que se presta ao que muitos consideram «simples bagatelas, cousas de somenos importancia», constitue na verdade a diferença que existe entre uma escola bem dirigida e outra mal dirigida. E' possível que sejam pontos insignificantes, mas o erro consiste em considerá-los, por isso, sem importancia. Um dos inspectores da Inglaterra, I. R. Blakiston, diz: «o menos talentoso pôde encorajar-se, quando se lembrar que o bom exito na direcção escolar depende principalmente de uma atenção vigilante e firme sobre os pequenos detalhes, do esforço consciente na lucta contra a difficuldade eventual». Aquelle que é cuidadoso nos permenores de direcção escolar, em quasi todos os casos prestará cuidadosa atenção a assumptos de maior alcance. Aquelle que presta atenção aos pontos insignificantes não terá de attender a muitos assumptos graves, porque elles não occorrerão.

Não pôde haver duvida que uma atenção uniforme ás particularidades attinentes ao comportamento dos alumnos no recreio, na linha e na aula, é um agente disciplinar de grande valor para formar os caractéres. Dest' arte se formam habitos que devem influir bastante para determinar o gráu de successo que os alumnos lograrão, quando vierem a ser homens e mulheres. A habilidade de um homem no emprego dos conhecimentos depende do successo ou insuccesso do trabalho de sua formação pelos professores.

Sua habilidade no emprego dos conhecimentos depende mais da precisão com que exerce sua vontade, do que da extensão de seus conhecimentos; ella depende do exercicio de seu poder de observação e do desenvolvimento de seu poder de pensamento logico. O habito de acção precisa e energica da vontade é portanto da maior importancia. O character de acção da vontade depende do modo pelo qual aos alumnos se permite fazer mil e um actos na rotina de sua vida diaria. D'ahi resulta que todo acto de se pôr em pé, de se assentar, de pegar num livro, etc. deve ser executado de uma maneira prompta, definida e ordenada.

Os seguintes detalhes devem receber sollicita atenção por parte dos professores:

1. *Pôr os alumnos em linha no fim de cada recreio, e fazel-os marchar em ordem regular para suas respectivas aulas.* — Isto deve fazer-se sem pressa, sem empuriões e sem a menor desordem. Para alinhar os alumnos, pôde-se collocar no passeio um taboa para cada classe si o passeio não fôr completamente assoalhado. O recreio deve cessar immediatamente ao signal de se pôr em linha.

As linhas devem ser corrigidas pelo professor, que se collocará em uma de suas extremidades, antes que os alumnos penetrem na sala de aula. O alinhamento deve fazer-se, olhando os alumnos em direcção á extremidade onde se acha o professor, e não collocando os pés ao longo de qualquer linha. Conversar em linha deve ser prohibido. Os alumnos devem conhecer o seu lugar na linha e devem fixar as suas posições relativas por algum signal ou objecto que se acha na sua frente, para evitar o atropellamento.

2. *Devemos ensinar os alumnos a estar de pé e a andar com a cabeça erguida, os hombros bem para traz, mãos encostadas aos lados, e os olhos dirigidos para a frente.* — O habito de andar com as mãos para traz, tendo os hombros igualmente para traz, torna os alumnos incapazes de andar direito na rua, no salão, ou nas fileiras durante os exercicios militares.

3. *Si os alumnos sahirem por classes, devem ficar em linha, sem se encostar á parede ou ás carteiras, etc.* — De facto, quando um alumno ficar em pé, na escola, deve apoiar-se nos dois pés, evitando inclinar-se.

4. *E' um erro mandar os alumnos caminharem na ponta dos pés.* — Professores novos muitas vezes fazem isso, para evitar barulho. De facto, conselhos de instrucção ás vezes indicam este modo de andar; mas é um erro.

1.º Porque faz os alumnos coxearem. 2.º Porque os faz caminharem com os pés voltados para dentro e de um modo desgracioso. Os alumnos podem andar naturalmente sem fazer barulho, si forem exercitados para mover os pés com os artelhos voltados para fóra, num angulo mais ou menos de 45 grãos, e com a sola paralela ao chão. O «passo balançado» militar deve ser exercitado para este fim.

5. *Devemos ensinar os alumnos a subir e a descer escadas.* — A maioria dos alumnos sobem e descem tres degraus de cada vez, quando não deviam subir ou descer mais de um. Duas ou tres fileiras podem caminhar lado a lado, numa escada apropriada á escola; com um passo firme e uniforme, não se perderá tempo. Um passo rapido, porém, não é o peor mal quando os alumnos descem ou sobem escadas. Convém que haja muito cuidado e muita vigilancia para conseguir um andar devidamente leve. Os alumnos têm sempre certa inclinação para bater com os pés no soalho, quando marcham em compasso. No descer escadas, devem elles ser exercitados para dobrar gradualmente a perna, sustentando o peso no joelho, até que o outro pé toque o degráu inferior.

6. *Devemos exigir que os alumnos fiquem de pé para responder a uma pergunta, ou para lêr.* — A polidez assim o requer. A mudança de posição será de grande vantagem para os alumnos.

Os órgãos vocaes têm um jogo mais livre quando o alumno está em pé do que quando assentado. O acto de pôr-se em pé deve fazer-se com promptidão.

7. *Devemos ensinar-los a segurar o livro na mão esquerda, quando em pé para ler.* «O livro na mão esquerda, o pé direito um pouco para traz,» é a regra uniforme dada pelas autoridades quanto á posição de um leitor. Si o leitor segurar o livro com as duas mãos, geralmente o aproximará demasiado dos olhos, e a tendência será para arcar os hombros.

8. *Todo trabalho deve ser conservado bastante longe dos olhos.*—A myopia está augmentando. Estatisticas feitas cuidadosamente na Europa e na America mostram que, quando apenas uma porcentagem fraccionaria de crianças soffre de myopia, ao entrar na escola, 18 por cento mais ou menos, quando saem da escola aos dezoito annos, soffrem d'ella. Isto é um facto assustador, e deve levar todo professor humanitario a fazer cuidadosamente o que poderá fazer para evitar um tal resultado. Elle póde, ao menos, esforçar-se para que entre bastante luz na sala de aula, sómente do lado esquerdo, ou do lado esquerdo e de traz, e nunca pela frente. Póde tambem, por uma vigilancia constante, insistir para que os olhos se conservem bastante afastados dos livros de leitura, das ardosias, etc.

9. *Devemos insistir pelos habitos de asseio, de limpeza e de pontualidade.*—Isto póde ser de mais vantagem para os alumnos do que o mero saber dado na escola. Nenhum papel ou cisco deve permittir-se no chão. Cada alumno deve ser responsavel pela parte do chão mais proxima de sua carteira. O professor deve examinar frequentemente as carteiras dos alumnos, para ver si arranjam devidamente os livros. Elle deve ser um modelo a este respeito, conservando o chão e as bordas das janellas livres de accumulações, e arranjando os seus livros na carteira de um modo ordenado. A roupa deve ser cuidadosamente pendurada, e os mappas, cartas, estampas etc. devem cahir bem direitos.

10. *Não devemos permittir que um alumno saia de seu logar sem licença.*—Si um alumno tiver esta liberdade, seria preciso dala a todos, e todos poderiam querer levantar-se ao mesmo tempo.

11. *Os alumnos devem ter uma maneira uniforme de effectuar os actos da classe.*—«Isto destruirá a sua originalidade e os converterá em meras machinas, obrigando-os a fazer tudo de uma maneira fixa». Esta é a linguagem de alguns professores que, incapazes de governar suas classes, querem ter uma desculpa para a propria negligencia. Póde um systema ser incompativel com a originalidade? Por ventura habitos methodicos servem de obstaculo

culo ao «livre exercicio da individualidade? Qualquer originalidade ou individualidade assim peada deve ser de natureza má e ter necessidade de ser restringida.

Os alumnos devem collocar as suas ardosias e os seus livros nas respectivas carteiras exactamente do mesmo modo, procurando a maneira menos ruidosa e mais apropriada. O professor decidirá sobre o melhor plano para fazer o trabalho que será effectuado com toda a regularidade. E' preciso que haja um signal invariavel para cada movimento, para levantar-se, para assentar-se, para levar e devolver ardosias e livros, para abrir livros, para tomar posições e para começar o trabalho. Não deve começar-se um segundo passo, enquanto o primeiro não tiver sido completamente effectuado por todos. Uniformidade e precisão nunca serão conseguidas sem uma palavra de ordem apropriada. A ordem deve ser dada em tom cheio, firme e preciso, e sempre alto; deve constar de duas partes: a primeira para despertar a attenção, a segunda como signal para effectuar o movimento. Entre as duas palavras de ordem deve fazer-se uma pausa sensivel, e a segunda palavra deve ser mais destacada do que a primeira, como, «em-pé». Movimentos escolares não devem effectuar-se meramente pela apparencia. O fim deve ser poupar tempo, evitar barulho e tornar a acção da vontade definida.

9. *E' erro interromper a vigilancia durante o recreio.*—Os alumnos que são dirigidos no recreio são mais facilmente dirigidos na aula. Si as crianças aprendem máus habitos, ou ouvem linguagem impura e obscena, é geralmente durante os recreios. A presença do professor no recreio deve restringir-se ao que é máu, sem de qualquer modo coagir o interesse pelos jogos sadios e brinquedos innocentes. Jogos violentos que incommodam aquelles que não estão brincando ou que põem em perigo aquelles que brincam não se effectuarão sob as vistas do professor. Sem andar para cima e para baixo, com ar de soldado de guarda, elle impede a maldosa destruição da mobilia escolar ou o estrago proposital de roupa, como atirar chapéus, etc. e assegura uma devida attenção ao decoro da linguagem e á cortezia de maneiras. A ausencia do professor durante um quarto de hora na lição de arithmetica não seria descuido tão serio do seu dever como uma ausencia durante o recreio.

10. *E' um erro ficar o professor longe dos alumnos enquanto estão no recreio.*—A presença do professor no pateo de recreio deve produzir um duplo effeito: deve reprimir o mal e desenvolver o bem. A criança nunca revela melhor a sua natureza toda do que quando está no recreio. Então suas faculdades—physicas, mentaes e moraes—entram em exercicio. No recreio um menino aprende a lutar com seus semelhantes na grande batalha da vida.

Sua força e sua fraqueza ahí se mostram, de modo que vale a pena estudal-o.

O professor que deixa de reconhecer estes factos e delles tirar proveito, nunca chegará a conhecer bem os seus discipulos, nem conseguirá o dominio mais natural e completo sobre elles. Quanto importa, pois, que, em vez de impedir o espirito brincador da innocente e sadia infancia, o professor tenha bastante sympathia por ella para desenvolvê-la e dirigil-a pelos canaes apropriados. O professor que não pôde brincar com os seus alumnos é digno de lastima. Uma das razões mais validas para não collocar meninos grandes sob direcção de uma professora é que ella não pôde geralmente tomar parte nos seus jogos e exercicios.

11. *E' um erro ficar demasiado perto da classe.* — Seja na aula ou no pateo, o professor deve collocar-se em uma posição donde possa ver todos os alumnos ao mesmo tempo. Deve conservar invariavelmente esta posição, quando enfileirando ou exercitando no pateo.

12. *E' um erro segurar um alumno para collocal-o em seu lugar na fileira.* — Si o professor collocar-se de modo a poder ver todos os alumnos ao mesmo tempo, não poderá commetter este grave erro. Empurrar ou puxar um menino pôde despertar nelle má vontade. Elle pôde ser incitado á resistencia, e neste caso o professor tem certeza de perder dignidade, e talvez tenha de maltratar o alumno para o obrigar a submeter-se. A propria professora primaria faz mal em collocar as crianças em posição com as mãos, por mais delicadamente que o faça. Os movimentos dos alumnos devem ser guiados por suas proprias vontades. O professor deve exercitar, e quando necessario, governar a vontade do alumno. Não ha classe ordenada e bem dirigida em que os alumnos sejam levados á posição pelas mãos do professor.

13. *E' um erro dar muitas notas más.* — Em algumas classes ha uma chuva continua de notas más: — notas más de comportamento e notas más de lições. Os professores de taes classes muitas vezes queixam-se, dizendo que «os seus alumnos não fazem caso das notas dadas». Seria para admirar que elles e seus paes o fizessem. Si o peor alumno de uma escola bem organizada receber mais de cinco ou seis notas más em um mez, ha motivo para alarme. O professor deve sentir-se vexado? Deu más notas para poupar trabalho, ou porque teve de lutar, como devia, com um caso incommodo.

Si se deram, em lições, numerosas notas más, em quasi todos os casos a culpa é do professor: ou as lições são muito difficeis, ou são muito longas, ou não foram sufficientemente explicadas, ou então não se ensinaram os alumnos a estudar, ou emfim estes não encontraram incentivos convenientes.

14. *E' um erro censurar demasiadamente erros insignificantes.* — Alguns professores derramam, até á ultima gotta, sua ira sobre as cabeças daquelles cujas faltas não são de natureza muito séria. Seu rosto mais sério e sua linguagem mais aspera são requisitados para censurar o pequeno infeliz que deixa cahir a sua ardosia, ou que se vira para olhar o seu vizinho de traz. Taes professores collocam-se numa posição difficil, pois são incapazes de adaptar a severidade de sua censura ás circumstancias do caso. Esta tem um effeito perturbador sobre a natureza moral das crianças, por leva-las a crer que todas as faltas são igualmente graves em sua natureza.

E' da maior importancia que o professor não confunda jamais o accidental com o intencional, ou o descuido com o proposito.

15. *E' um erro queixar-se ou resmungar muito.* — Si ha professor que possa ter certeza de ser aborrecido, mais de que qualquer outro, por alumnos, paes e directores, é o inveterado resmungador. Ficaria envergonhado de si mesmo, si se conhecesse bem. Elle não sabe a que ponto suas queixas se tornam enfadonhas. «Durante a minha vida nunca tive alumnos tão ruins; não sei que fazer delles», diz tal professor, quando alguém de autoridade visita a escola. Seus alumnos o desprezam por isso, como desprezam qualquer delator de sua idade. O visitante olha para elle com pena, como uma pessoa que parece glorificar-se de sua fraqueza ou incompetencia. As crianças, nos centros civilizados, parecem-se muito nos seus caracteristicos. Cada classe é um livro aberto, em que se pôde lêr, num relancear de olhos, o poder executivo e exactidão ou inexactidão dos ideaes do professor. Nenhuma classe permanecerá ordenada ou progressiva por si, mas, por outro lado, não ha classe que não goste de ser ordenada e estudiosa, quando dirigida por um bom professor. Nenhum professor razoavel censurará a classe por desordem ou ociosidade.

Nenhum professor que ralha ou resmunga pôde ter a sympathia de seus alumnos, e sem sympathia elle jámais poderá governar ou conseguir os melhores resultados em seu trabalho escolar. Aquelle que reconhece, aprecia e louva judiciosamente aos pequenos esforços de seus alumnos, pôde ter a certeza de os induzir a maior zelo e ardor.

16. *E' um erro prender os alumnos na aula, durante o recreio.* — Elles têm direito a sahir para o descanso, a mudança e o exercicio. Não se deve permitir que os alumnos fiquem na aula durante o recreio, mesmo querendo, a não ser que o tempo seja desfavoravel. Grandes e pequenos, meninos e meninas, devem aproveitar da oportunidade de brincar ao ar livre, tomando as devidas precauções quanto á roupa etc., quando fizer frio.

Durante o tempo frio, aquelles que têm alguma affecção de

peito pódem ter permissão para ficar na aula e ahí descansar, mas não se deve permittir-lhes andar ao redor da sala, a não ser que o façam de modo ordenado, segundo as direcções do professor. Em escolas graduadas deve haver uma sala áparte para todos que tiverem de ficar dentro da casa.

Si o tempo estiver demasiado humido ou chuvoso para a classe sahir, deve haver o descanso usual. O tempo póde ser empregado em exercicios physicos, abrindo-se bem as janellas por causa da ventilação. Póde permittir-se aos alumnos andar ao redor da sala aos pares, formando álas e conversando. O professor póde contar uma historia, ou deixar algum alumno contar ou lér. Podem discutir-se as noticias do dia, mas o professor deve ser o poder dirigente nos recreios dentro de casa.

17. *E' um erro invocar uma autoridade superior, excepto em ultimo caso.* — Professores adjuntos muitas vezes mandam buscar o director para regular algum negocio trivial. Um director prudente naturalmente prohibirá tal insensatez. O director não póde descuidar da sua propria classe, para attender a adjuntos fracos ou caprichosos. Si um professor podesse avaliar quanto se rebaixa aos olhos dos alumnos por appellos desnecessarios ao director ou aos administradores, adoptaria mui raramente aquelle meio de livrar-se de uma difficuldade. Como esperar que os alumnos respeitem um professor que se reduz a simples espião, para vigiar o mau comportamento, afim de chamar uma autoridade superior para dar o castigo?

18. *E' um erro confundir informação solicitada com delação.* — Ha muitas cousas que um professor precisa saber, e é impossivel que elle as saiba sem auxilio de seus alumnos. Nenhuma regra justa deve ser propositalmente violada, sem que isso chegue ao conhecimento do professor. Alguns professores cercam os alumnos de tantas regras inflexiveis, que elles não podem entregar-se naturalmente a brinquedos sabios sem um constante terror de violar alguma. As regras para guiar os alumnos quando elles não estão á vista do professor devem ser poucas e referir-se á protecção da propriedade ou á suppressão do vicio. Si o material escolar for estragado, ou destruido; si a pureza ou moralidade dos alumnos em geral fór comprometida por linguagem inconveniente ou máus habitos, é da maior importancia que o professor tenha conhecimento dos factos. Informar num caso destes, de modo algum se póde chamar a delação, no sentido usual daquelle termo. Delatar quer dizer dar informação por motivos baixos, para expôr um rival ou para conseguir que alguém seja castigado. Polo contrario, dar a devida informação exige a mais alta coragem moral. E' muito melhor, porém, para o desenvolvimento moral dos alumnos, si o professor puder encaminhar a formação de um sentimento tal en-

tre os proprios alumnos que os leve á suppressão de praticas viciosas, quando o professor não esteja presente.

Pessoas ha que condemnam como vil o dar informações, quando pedidas pelo professor, na investigação de algum acto máu. Qualquer que seja a opinião tida a respeito da informação voluntaria, ha certamente um unico aspecto justo, sob que considerar o dever de um alumno, quando o professor exige que diga a verdade. Vill E' vil que uma testemunha preste depoimento no tribunal? Não é a escola um mundo em miniatura, e a syndicancia do professor um tribunal escolar?

«Delatar» por motivos baixos e egoisticos deve, sem duvida, ser condemnado como vil e mesquinho em extremo; mas o professor fará bem, não poupando trabalho para desenvolver um espirito de franqueza e de honra em seus alumnos, o que os levará a auxiliá-lo do modo mais conveniente para dominar o mal, mesmo quando elle esteja ausente.

Um professor avisado jamais procurará occasião para fazer investigações de natureza insignificante.

19. *A falta de pontualidade do professor é um erro.* — Elle dá um máu exemplo aos alumnos e faz má politica. Os alumnos com certeza não serão pontuaes, si o professor não o fór tambem. Elles guiar-se-hão pelas acções do professor em vez de o fazerem pelas palavras, ou antes, darão o valor que elle mesmo dá ás suas instrucções, pelo modo por que as segue. Assim perderá o dominio sobre os alumnos em um dos pontos mais importantes, que é o da influencia sobre elles. Chegar tarde é má orientação para si proprio. Deve achar-se na escola ao menos um quarto de hora antes da abertura das aulas no verão, e meia hora no inverno. Si aos alumnos se permite ser desordenados na aula, antes da chegada do professor, ninguem deve surprehender-se de que se mostrem difficeis de dirigir durante as horas da classe. Uma saudação individual de manhã a cada alumno é um dos melhores meios de conseguir uma influencia sobre a classe. Suas particularidades de temperamento podem ser conhecidas e tratadas nesta occasião, melhor que em qualquer outra hora do dia.

20. *E' um erro ser negligente nos habitos pessoas.* — O professor deve ser um modelo a todos os respeitos para os seus alumnos. Suas maneiras e habitos são seguramente imitados por elles. As melhores lições que o professor possa dar sobre o acao, a limpeza, não são prelecções, mas bons exemplos. Elle deve ser, porém, mais do que um modelo. Deve conversar um pouco a respeito de modos, costumes, methodos de vestir, etc., e deve pôl-os em pratica. A inspecção, sem ser uma cerimonia formal, deve fazer-se invariavelmente todos os dias. Devem notar-se as botinas quando os alumnos enfileirados, antes de começar a aula; o rosto

e a roupa quando se dá bom dia, e as mãos e unhas durante a lição de calligraphia. Póde notar-se tudo sem ter uma hora marcada para inspecção critica. Os delinquentes, depois de ser previamente avisados, devem ser mandados para fóra da aula, afim de attenderem ao que fôr descurado. Si fôr cousa sem importancia, póde ser feito no corredor, onde estão osapparelhos de lavar etc. Si o alumno faltar muitas vezes a alguma particularidade, deve-se manda-lo para casa, depois de avisar aos paes. Todo pae, cuja opinião tem valor, será reconhecido ao professor que lhe chama a attenção, de um modo delicado, para quaesquer máus habitos da parte de seus filhos.

21. *E' um erro conservar-se sentado emquanto se ensina.* — E' melhor para a saude ficar em pé, e mover-se o mais possivel, sem perturbar a aula. O pisar incessante de alguns professores, emquanto falam aos alumnos, deve ser evitado. Um professor tem mais dominio sobre a sua classe, estando em pé do que sentado. E' tambem fóra de duvida ser mais vivo, mais energico no ensino.

Naturalmente, sentindo-se cansado, deve sentar-se um pouco. As senhoras, principalmente, devem descansar sentadas.

22. *E' um erro dar uma ordem quando uma suggestão é sufficiente.* — O professor deve suggerir e recommendar qualquer modificação no vestuario, nas maneiras, na conducta, ou em qualquer departamento de trabalho ou direcção escolar, dando as razões de uma maneira clara, e ao menos a metade de seus alumnos effectuarão a suggestão, ou para lhe ser agradavel, ou porque está convencida da necessidade de o fazer; com a metade de seu lado, não será difficil estabelecer uma opinião publica, em favor da mudança. Estando as sementes lançadas, deixe-as crescer. Tenha elle paciencia e a boa obra ganhará vulto. Si o professor agir com tacto, provavelmente só dois ou tres, em uma escola, serão forçados a fazer o que se deseja.

23. *E' um erro deixar que os alumnos se comportem mal habitualmente, sem avisar os paes.* — E' um axioma que paes e professores devem trabalhar em harmonia. Até onde fôr possivel e razoavel, a disciplina da escola deve corresponder á disciplina de casa. O professor deve respeitar os direitos e a opinião dos paes, e os paes, por sua vez, devem sustentar a autoridade do professor. Estes fins desejaveis podem conseguir-se sómente por algum systema de communicação entre as partes interessadas.

Em uma escola ha sempre alguns alumnos que, sem commetterem faltas serias, dão ao professor muito incommodo. Nenhuma classe de alumnos causa tanto aborrecimento e contrariedade como esta, e, depois de algum tempo, torna-se geralmente necessario tomar uma acção decisiva e suspender os delinquentes, ou administrar algum castigo severo. O castigo — suspensão ou qualquer

ou'ro é naturalmente grande demais para o delicto final. A «ultima transgressão é simplesmente a ultima falha que quebra o dorso do camello», a penalidade «cobre uma multidão de peccados». O pae do delinquente faz uma indagação sobre a causa do castigo extremo, e recebe do proprio filho, ou de outros, si perguntar, uma exposiçãõ da ultima offensa sómente. Elle naturalmente conclue que o professor é excessivamente severo, sinão injusto, e infelizmente em muitissimos casos exprime suas opiniões de um modo emphatico, em presença do filho. A's vezes, vae mesmo ao ponto de manifestar os seus sentimentos de um modo altamente dramatico, perante a escola inteira. Em qualquer dos casos, o resultado importará numa perda de respeito pelo professor, por parte dos alumnos. Não póde censurar-se o pae pela attitude assumida, a não ser que fosse prompta e fielmente notificado das anteriores offensas do filho, á medida que estas se iam accumulando. Estas notificações devem ser por escripto, e devem ser restituidas ao professor, assignadas, pelo pae, e guardadas para referencia, quando fôr necessario. Si o alumno tiver bastante idade, melhor será que elle mesmo escreva a notificação, segundo a direcção do professor. Isto poupará tempo ao professor, e produzirá um bom effeito sobre o alumno. Na maioria dos casos, tal notificação deve ser assignada pelo professor e não pelo alumno. A's vezes a communicação póde ser da propria criança.

24. *E' um erro incommodar os paes sem necessidade.* — Quando cahma a attenção dos paes para qualquer acto máu de seus filhos, communica-lhes qualquer negligencia ou desattenção á limpeza ou ordem de sua roupa, de sua pessoa, o professor é muitas vezes, sem necessidade, aspero na linguagem. Até onde fôr possivel, o professor jamais deverá ferir os sentimentos dos paes. Elle não póde esperar dirigir sua classe com facilidade e de maneira devida, si não tiver a sympathia dos paes, e esta elle não alcançará, si fôr incivil ou indevidamente severo para com elles. Seu lemma deve ser a conciliação. Entrevistas ou conferencias respeitosas, ou mesmo cheias de deferencias, operarão milagres para despertar interesse por assumptos escolares, da parte dos paes, e para conseguir sua cooperação e seu apoio. O professor que disser a um pae: «Lamento que Thomaz se ausente tão frequentemente; é um rapaz vivo, e vale um grande esforço de sua parte para manda-lo regularmente», ou «E' pena que um menino tão bonito como Jayme se esqueça de lavar o rosto e pentear o cabelo», esse professor promptamente conseguirá seus fins, sem de qualquer modo fazer que os paes se sintam humilhados. O «vivo» e o «bonito» nunca parecerão fóra de proposito aos paes, e attenuarão a picada da queixa do professor.

25. *E' um erro mostrar-se irritado ao tratar com os paes.* —

Os professores serão muitas vezes levados a zangar-se, por causa da injustiça e ás vezes da grosseria de alguns paes. Estes escreverão accusações cruelmente injustas, e farão observações amargas sobre «pagar impostos para sustentar o professor a pão e manteiga etc. Virão mesmo até á escola para intimidar e vexar o professor. Em todas estas e semelhantes circumstancias, o que se sae melhor é aquelle que mostra uma natureza calma e deliberada. Não se póde censural-o por sentir-se zangado, mas não deve mostrar a zanga. Cumpre lembrar que o pae, em quasi todos os casos, raciocina com acerto, segundo a informação que recebeu. Ouviu sómente um lado do caso, e este é usualmente muito exaggerado, si não for grosseiramente desnaturado. E' verdade que elle não devia decidir até ter ouvido as duas partes, mas a affeição pelo filho, que considera tratado injustamente e cujos direitos é obrigado a manter como pae, faz-lhe esquecer isto. Elle recebe as affirmações da criança como factose, naturalmente, fica excitado. Póde dizer se com segurança que muito poucos paes se zangam com os professores sem bastante razão, si a informação da criança fôr tomada como verdadeira. Dado que os factos sejam como expostos, o raciocinio dos paes é quasi sempre correcto, e a sua ira não é sinão a expressão de seus sentimentos cavalheirosos, como protectores naturaes dos filhos que Deus lhes deu. Mas os factos não são geralmente como as crianças os contam. Sem ser culpadas de mentira deliberada, não é provavel que ellas façam uma narração fiel de um castigo que receberam, ou de qualquer circumstancia que lhes diga respeito. Nisto está o segredo do poder do professor sobre paes irados, si delle se servir judiciosamente.

Si um pae indignado encontra um professor zangado, recebe a prova mais clara possivel de que o professor não é justo, e tem a certeza de possuir prova bastante para corroborar as affirmações do filho. Um professor zangado fará o que faz qualquer outra pessoa. E' quasi certo dizer elle alguma cousa cruel ou injusta e, deste modo, dará ao pae o que lhe faltava antes — um fundamento para sua queixa.

Si o professor conserva o sangue frio, e, por correspondencia ou entrevista pessoal, mostra ao pae que a versão de seu filho é inexacta, consegue logo a victoria, e uma unica victoria tal será bastante. Um pae, assim convencido, é convencido para sempre. Nenhum professor póde levar um pae a crer que seu filho seja culpado de uma exposição falsa, a não ser que o convença primeiramente de ser absolutamente imparcial, e não ter o menor traço de animosidade ou prevenção contra elle. O professor não conseguirá isso, si mostrar irritabilidade em suas relações com o

pae. Si, porém, sua maneira for calma e sua linguagem precisa, mas moderada, logo tira ao pae a impressão de que o professor tenha prevenção contra o filho, e o negocio conclue-se amigavelmente. O professor não póde conseguir de outro modo uma victoria completa. Não sómente derrota um inimigo, mas ganha um amigo.

26. *E' um erro discutir com um pae zangado, em presença da classe.* — Si o professor se zangar tambem, os alumnos serão testemunhas de uma altercação inconveniente. Si não se zangar, alguns da classe julgarão que tenha medo. Em qualquer dos casos, o trabalho escolar fica interrompido, e o respeito dos alumnos pelo professor se reduz. Elles não podem julgar seu poder como muito grande, desde que um pae possa vir discutir com elle, de um modo offensivo e desdenhoso. Si um pae vem pedir explicação de qualquer desharmonia na direcção escolar, o professor deve recebê-lo á porta cortezmente, dando á classe algum trabalho para occupal-a por alguns momentos, e sahir para dar a explicação necessaria. Si o pae fôr excessivamente desarrazoado, o professor deve observar-lhe que o seu tempo, agora, deverá ser dedicado á classe, mas que, si elle quizer voltar depois de acabada a aula, ou si quizer recebê-lo de boa vontade, dará toda a consideração ao negocio.

27. *E' um erro fazer observações maliciosas diante da classe, a respeito de bilhetes recebidos dos paes.* — Isso mostra um espirito mesquinho, e deixa a classe perceber que o professor se incomoda com as observações dos paes. Sua dignidade desce, e, quando os alumnos não estiverem em sua presença, hão de rir-se delle. E' uma indelicadeza para com os paes ler seus bilhetes, ou parte delles, diante da classe. Estes bilhetes, são communicações particulares, e, como taes, devem ser considerados muito sagrados para o commentario publico.

28. *E' um erro desprezar as oportunidades de despertar o activo interesse cooperativo dos paes em alguma empresa escolar.* — O interesse sympathico, como tudo que é bom, desenvolve-se melhor pela actividade. Somos mais interessados pelas pessoas ou instituições, em favor das quaes mais temos feito. O professor deve inventar quantos meios seja possivel, para offerecer aos paes ensejo de fazer alguma cousa em pról ou em connexão com a escola. Promova elle pic-nics annuaes, jogos, exercicios militares e exhibições de gymnastica, dias de plantar arvores e flores, prestitos escolares, soirées, etc. Deve sempre dar aos paes uma parte no preparo e na execução. Seja o que todo professor, especialmente nos districtos ruraes, deve ser — o centro de inspiração da cultura intellectual, no districto em que estiver situada a escola.

CAPITULO V

ERROS NO ENSINO MORAL

83. *E' um erro não cuidar das maneiras e da conducta dos alumnos.* — As verdadeiras regras da polidez não são arbitrárias. Descansam sobre bases de direito e de justiça. Baseam-se sobre as nossas relações com os nossos semelhantes, e sobre os nossos deveres mutuos, como membros da familia, da sociedade, ou do Estado. Si um menino fôr verdadeiramente polido, por motivos bons, já elle começa bem sua educação moral. As boas maneiras são os signaes exteriores de um character pouco egoista, tendendo a acção de seu reflexo a tornal-o desinteressado. Ellas devem ser ensinadas praticamente, pelo exemplo. Cada criança deve receber uma saudação individual do professor ao chegar á escola, de manhã, e ao regressar á casa. Além d'isso, o professor deve dar boas vindas á classe inteira, quando fôr hora de abrir a escola, com um agradável «bom dia», e desejar-lhes boa tarde, quando se acabar o trabalho do dia.

Quando um visitante conhecido vem á escola, os alumnos devem levantar-se para recebe-lo, e dizer-lhe «bom dia» ou «boa tarde», snr. Quando vem uma pessoa extranha, os alumnos devem esperar que ella seja apresentada, para então se levantarem e a saudarem attentiosamente. Isto é o que se esperaria delles nas suas proprias casas, em identicas circumstancias. Porque não hão de educar-se a fazer o mesmo na escola?

Convém outrossim que os meninos se habituem a tirar o chapéo quando encontrarem senhoras conhecidas, na rua, e a fazer um cumprimento respeitoso aos homens seus conhecidos. Aprendam a fazer isso na escola. O uso da mão apropriada para tirar o chapéo ou cumprimentar deve tornar-se instinctivo pela pratica. O tempo de descanso entre lições póde, de vez em quando, ser dedicado ao exercicio de saudações. Meninos e meninas podem passar em frente uns dos outros e pratical-as. Si isto se converter em zombaria, ou fôr considerado como mero brinquedo, culpa é do professor. E' dever dos alumnos saudarem os professores, quando passam por elles no recreio, e quando entram para as aulas, de manhã e de tarde.

O professor jamais deve permittir que os alumnos respondam simplesmente «sim» ou «não», mas «sim, senhor», ou «não, senhor»; «sim, senhora», ou «não, senhora».

O trabalho escolar offerecerá muitas occasiões para os alumnos reconhecerem os direitos mutuos, para testemunharem respeito e attenção aos mais velhos, ou áquelles que os educam, e praticarem os muitos actos de cortezia e delicadeza, para com as meninas.

O apuramento escolar nas boas maneiras, como em tudo mais, dependerá mais d'aquillo que se faz do que d'aquillo que se diz. Uma onça de acção vale por uma libra de conselhos.

84. *E' um erro appellar para motivos fóra da comprehensão perfeita dos alumnos.* — As doutrinas abstractas pesam pouco sobre as crianças. Affirmações positivas das proprias verdades moraes podem não ser comprehendidas, e, si não forem claramente comprehendidas, não deverão ser dadas como motivos. Uma creança que simula um sentimento que não experimenta, está sendo realmente, educada na hypocrisia. A affirmação repetida de principios que não dão concepções definidas do dever, enfraquecerá a força que aquella verdade deve ter. Pestalozzi observa: «As crianças não podem ser governadas por appellos á consciencia, porque esta ainda não se acha desenvolvida. A sympathia precisa ser gradualmente substituida pelas normas do direito, e as creanças precisam ser levadas dos bons sentimentos para os principios justos. A sympathia é o mais forte motivo da criança».

85. *E' um erro tentar um alumno a ser deshonesto, empregando o systema do alumno fazer o proprio boletim.* — Sempre que a posição na classe, e a boa opinião dos paes, dependam do boletim mensal do professor a respeito da conducta e do trabalho escolar, é cousa perigosa deixar os alumnos prepararem os boletins. Ha, é verdade, alguns alumnos a quem seria impossivel praticar uma má acção com o fim de conseguir promoção, mas ha outros que a isso podiam ser tentados, e seria erro colloca-los em condições de ver a deshonestidade recompensada. O sentimento moral do alumno que toma para si o credito de notas melhores do que merece fica embotado, e sua tendencia para a deshonestidade fica accentuada. O alumno honesto, que vê a trapaça recompensada, perde a fé na justiça e na rectidão, e, conseguintemente, o poder de as praticar. Cousa triste é receber uma criança, no começo da vida, a impressão de que a promoção é muitas vezes o resultado de uma má acção. A não ser que o professor possa conceder as notas com correcção absoluta, estas devem ser abandonadas.

86. *E' um erro habituar os alumnos, quando criticam, a notar sómente o erro ou a imperfeição.* — Quando os alumnos são chamados a dar uma opinião a respeito do trabalho dos collegas, geralmente mandam-se-lhes apontar os erros que possam achar, notando os erros de orthographia, de pontuação, de linguagem, etc. Isto dá necessariamente uma tendencia para a critica, e provavelmente influe muito na formação do espirito da censura que muitos adultos revelam. O professor deve valer-se das muitas oportunidades offerecidas no trabalho escolar, para chamar a attenção dos alumnos para os meritos do trabalho feito pelos collegas.

Podem apontar as boas qualidades na leitura, na composição, no desenho, nos mappas, etc. de outros alumnos tão facilmente como as más qualidades, si forem habituados a fazel-o. A influencia de tal educação será melhor, sob o ponto de vista intellectual e moral, do que a influencia do plano usualmente adoptado.

87. *E' um erro desprezar as occasiões de desenvolvimento moral offerecidas no recreio.* — O professor pôde dar aos alumnos muitas lições preciosas no recreio. Os meninos e meninas podem aprender a soffrer derrotas valentemente, a não se deixarem desanimar por ellas, a fiarem-se num esforço perseverante para serem bem succedidos, a serem promptos a deliberar e rapidos em executar, a empregarem suas melhores faculdades para attingir seus fins, a receberem um mal sem perder a calma, a não abusarem de suas victorias perante seus adversarios, a apresentarem, emfim, os caracteristicos de homens e senhoras educadas, quando encontrarem os seus collegas em uma competição semelhante, a muitos respeitos, na futura luta pela vida. Muitas destas occasiões se perderão si o professor não fôr participante activo dos jogos, e observador sympathico delles.

88. *E' um erro governar principalmente por meios externos.* — Talvez, no começo, seja preciso emprega-los com uma classe nova, ou com uma criança que entra, pela primeira vez, numa escola. Será talvez preciso obter prestigio por uma acção vigorosa da vontade do professor, por meios coercivos, mas estes são condemnaveis. Nenhuma disciplina mantida de tal modo é boa em si, e, certamente, ella não poderá ser tão benefica ao desenvolvimento do caracter. Nosso fim deve ser tornar os alumnos directores de si mesmos. Nenhum fim inferior pôde tornal-os bons cidadãos, ou habilita-los para um consciencioso e elevado desenvolvimento. A lei nunca deve dobrar-se aos caprichos dos individuos, mas todo o alumno deve tornar-se tão independente quanto possivel, dentro do alcance da lei e em obediencia a ella, cumprindo ao professor despertar na criança os motivos que a levarão a agir. Estes motivos devem mudar, á medida que a criança se adianta em annos, do instincto para a consciencia do dever, mas a criança deve sentir, o mais breve possivel, seu poder de dominio sobre si, como um elemento necessario para definir sua responsabilidade individual.

89. *E' um erro censurar ou castigar com a allegação de «não ser bom».* — «V. vê o que pôde esperar, snr., si não fôr bom», disse um professor severo a um menino, no seu primeiro dia de escola, depois de castigar severamente a um outro. Castigado por «não ser bom», «castigado por não ser bom». Esta foi a mensagem que echoou atravez da sensível e desperta natureza moral da criança. Não aprendeu a odiar o mal, aprendeu a odiar «a obrigação de ser bom», porque, si não houvesse tal cousa como «a

obrigação de ser bom», não seria castigado. Seu raciocinio era justo. O professor estava em erro. A bondade não deve ser associada ao castigo. O castigo deve ser ligado á má acção. A criança deve sahir da escola com a convicção de que todo acto máu conscienciente lhe traz, como castigo, o enfraquecimento do caracter, mesmo que lhe não venha castigo de poderes exteriores.

90. *E' um erro castigar sem sympathia.* — Os professores, muitas vezes, agem como si o acto de castigar um menino lhes dêsse prazer. Outros castigam quando zangados. Em qualquer dos casos é claro que o alumno percebe que o sentimento do professor se mostra para com elle, e não para com a falta de que foi culpado. A indignação contra o máo acto pôde ser justa, mas nenhum sentimento, a não ser o de sympathia pezarosa, deve mostrarse para com o alumno. Pois si o proprio castigo corporal, apezar de sempre reprovavel, pôde produzir o amor! Como geralmente o seu effeito é differente! Horace Mann conta de um jovem ferreiro que disse ao pai, quando este não conseguiu endurecer a tempera de um pedaço de aço. «Bata nelle, meu pai, bata nelle; si ha alguma cousa que o endureça, é isso. O castigo endurecerá pela certa, si o professor não tiver muito cuidado. O direito de castigar é um encargo sagrado; applicar o castigo, um dever solemne. O professor não conhecerá jamais a maior alegria que se acha no seu trabalho profissional, emquanto não chegar a amar o alumno peor mais do que o melhor. O amor dos melhores é sempre, até certo ponto, uma especie agradavel de egoismo, não menos perigoso e debilitante por ser agradavel. O amor do alumno peor deve ser o producto de um desejo altruista de o tornar mais nobre, mais puro, e mais verdadeiro. Só nessas condições, inspirado no amor, o castigo preencherá seu verdadeiro fim.

91. *E' um erro esperar excessiva bondade moral das crianças.* — Tendencias moraes e immorales são comunicadas por hereditariedade. Não se deve, portanto, exigir que as crianças tenham muita bondade moral. O seu desenvolvimento moral será necessariamente vagaroso. Si o professor quizer desenvolver uma bondade precoce nas creanças, desenvolverá a hypocrisia. Isto as levará, tambem, a julgar-se melhores do que realmente são. Tenha em vista o professor que o desenvolvimonto, tanto moral como intellectual, cessa logo que ficamos contentes de nós mesmos. Houve muita philosophia suggestiva na resposta de uma menina, cuja mãe disse, uma noite: «Bem, Bertha, foste boa hoje?» «Não, Mamã». «Foste má?» «Não, Mamã». «Bem, que foste hoje?» «Oh, fui uma menina razoavelmente agradavel, Mamã». A bondade madura é um desenvolvimento que nada tem de natural em crianças. O brinquedo para a criança é melhor do que uma piedade formal. Elle pôde ser uma verdadeira expressão da piedade infantil.

92. *E' um erro despertar demasiadamente a natureza emocional.* — O mais fraco dos seres humanos é o mero sentimentalista, que chora de pena pelo abstracto, mas cujos sentimentos nunca se desenvolvem em pensamentos e decisão, vindo a crystalisar se em uma acção generosa. Ha milhares de moças que lamentam os soffrimentos de personagens ideaes, nos romances que lêem, as quaes nunca fizeram o menor esforço, envolvendo um sacrificio de si mesmas, para alliviar desgraças verdadeiras de um só de seus semelhantes. Uma Russa chorou, compungida, de tristezas que viu representar no palco, e, quando o spectaculo acabou, achou o seu cocheiro morto de frio. Seus melhores sentimentos desperdiçaram-se na mera apparencia de soffrimento, ao passo que o seu egoismo a cegou para a terrivel afflicção que ella mesma estava causando.

Todo sentimento que não produz uma tendencia definida para uma actividade correspondente — enfraquece. Os contos e historias, contadas a crianças, devem ser escolhidas com o maior cuidado. Aquelles que parecem bons podem ser de character muito perigoso. O professor deve abster-se de indicar o que se chama o «moral da historia» a creancinhas. Na cultura da natureza emocional, devemos distinguir claramente entre estimular os melhores e mais puros sentimentos, e despertar um sentimento defuido em favor de algum dever especifico. Podemos ficar enlevados por um encantador pôr do sol, uma bella paizagem, uma musica, um quadro, uma poesia. São para a nossa natureza espiritual, o que são para a natureza physica o ar puro e uma alimentação sadia. Mas como podemos comer de mais, podemos tambem receber demasiada estimulação emocional. Desenvolver demais um lado, mesmo bom da nossa natureza, é custa de outras faculdades, destroe a harmonia de nosso ser, e, correspondentemente, nos enfraquece. Devemos evitar cuidadosamente o desenvolvimento da natureza sentimental além daquillo que é pratico. O desenvolvimento do sentimento em favor de um dever particular é mesmo mais perigoso do que a estimulação geral das emoções, si não fôr posto em actividade certa.

93. *E' um erro despertar sentimentos e pensamentos a respeito de deveres distantes.* — A inercia de character é uma affecção terrivel. Poder executivo, actividade de vontade, habilidade de effectuar definitivamente as decisões tomadas: eis o elemento mais importante no character do homem e consequentemente o departamento mais importante da sua educação mental e moral. A inercia de character pode produzir-se, despertando persistentemente sentimentos puros e bons pensamentos, sem tornar effectiva a acção correspondente, que os deve acompanhar. O cyclo completo de um impulso moral é sentimento, pensamento, decisão, acção. A não se completar esta sequencia, cada vez que se começar com referencia a um dever

especifico, o character se enfraquece em seus elementos essenciaes. Cada vez que um menino se decidir a proceder bem, sem que leve esta decisão a effeito, fortifica o habito da inercia ou a falta de energia para agir, tornando-se-lhe mais difficil effectuar uma boa acção de semelhante especie. — Todo o mundo conhece o homem que habitualmente decide e promete sem cumprir. Ha homens que promettem sem a menor intenção de cumprir. São máus, mas podem ainda ser bastante fortes para executar as decisões que fazem com seriedade. O homem inerte dá realmente os tres primeiros passos da sequencia: sente, pensa, decide pelo direito, mas deixa de executar o que decidiu. Por habitualmente sentir, pensar e decidir sem agir, necessariamente convertemos este proceder em habito. Qual é o effeito d'isso sobre o character?

Enfraquece a consciencia e a vontade, e dissipa os poderes de sentir, pensar e decidir com precisão. D'ahi a grande responsabilidade dos professores, para fazer que a acção siga promptamente uma boa decisão. E' muito perigoso levar um menino a decidir sobre um dever distante, porque mil cousas podem entretimentos distrahir sua attenção, destruir seu interesse e impedir a execução de seu projecto. Quanto menos idade tiver a criança, tanto mais immediata deve ser a acção em relação á decisão. A' medida que o habito de completar o processo moral se estabelece, deve-se gradualmente fortificar-o por provas mais severas.

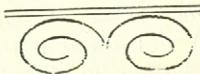
94. *E' um erro permittir a violação consciente de qualquer prescripção sem consequencia inevitavel.* — O reconhecimento da lei e obediencia voluntaria ás suas prescripções são as bases sobre que repousam as nossas idéas do dever, em casa e na sociedade. A violação consciente, ou o desprezo de qualquer regulamento ou lei escolar, é mais desastrosa em seus effeitos sobre o character do faltoso, de que possa ser em outras circumstancias. As consequencias da infracção positiva e de uma prescripção sem importancia são tão serias como si a consciente prescripção fosse de grande importancia, porque insinuam desprezo da lei. As prescripções na escola são as leis no Estado. O desprezo das prescripções conduz á falta de respeito para com as leis.

O desrespeito ás leis do homem conduz ao desrespeito das proprias crenças individuaes.

95. *E' um erro permittir que se façam, consciente e habitualmente, os menores desvios do direito.* — Os nossos actos se crystalisam em nós mesmos. A consciencia torna o direito claro, as fraquezas de nossa natureza nos conduzem para o mal, a nossa vontade estabelece o proceder que temos. Si andamos direito, a vontade ganhou uma victoria; si andamos mal, a vontade soffreu uma derrota. Victorias repetidas fortificam a vontade, derrotas a enfraquecem. Todo o acto consciente da creança é uma victoria,

ou para a vontade ou para a fraqueza. O professor tem mil ocasiões, todos os dias, de fortificar a vontade de seus alumnos. Tomemos, por exemplo, a maneira de pegar na penna. Ensina-se a toda criança a verdadeira posição da mão. Em muitas escolas poucas crianças seguram a penna como deviam. A tendencia geral é para virar a mão de um lado. Esta é a posição mais commoda para os musculos em descanso, e assim os alumnos a tomam naturalmente. Sabem como deviam fazer, mas não o fazem. A tendencia para contentar um musculo póde ganhar uma victoria sobre a vontade. Derrotas repetidas enfraquecem a vontade, mesmo quando as derrotas se referam a cousas de pouca importancia. E' principalmente no que toca a cousas simples, que o poder da vontade se dissipa e que o insuccesso se torna habito; portanto, embora seja de grande importancia que o professor dê a seus alumnos idéas claras sobre o trabalho e a conducta, é mais importante que elle vise a observancia do direito. E' perigoso esclarecer o espirito da criança sobre o dever, sem obrigar a sua execução. Os homens erram, não por falta do conhecimento do direito, mas porque não têm bastante força de vontade para tornar effectivas as suas convicções da verdade.

96. *E' um erro louvar a habilidade ou a bondade natural.* — Estas qualidades devem receber, e recebem, o devido reconhecimento nas altas posições, e na isenção de castigo que ellas garantem aos seus possuidores. A habilidade e a bondade estarão sempre em posição eminente. O mal vem de permittir-se que os alumnos se orgulhem da habilidade ou da bondade, como si fossem cousas dignas de honra. O esforço para agir ou para ser bom deve receber o reconhecimento sympathico do professor. A vontade de trabalhar para subir é a condição que merece applausos e approvação. Ha, para cada qual, um vaso cheio de ouro no cume da montanha que temos de subir durante toda a vida. Aquelle que a subir fielmente, sob as condições mais desanimadoras de fraqueza mental ou moral, ganha o vaso maior e o ouro mais puro. O esforço honesto no trabalho, ou num estudo de que não gostamos, disciplina o character e merece o mais alto louver da parte do professor.



VOAE!

Musica de Lazaro R. Lozano.

Letra de H. Faustino.

Allegretto $\text{♩} = 116$

1.º grupo

— *Que fa-ze-as, meu pre-sal-ta, Lá no po-mar A es-pe-çar?* . . .

2.º grupo

— *Co-mo vês, ca-can-do es-ta-va Um-do-a-zu-lão N'este-at-ya-jão.*

3.º grupo

— *Pe-vas da li-ber-da-de, Sem com-pa-rão, A-la-do ser,*

Não sentes per-da-da, e co-ra-ção não ter...

Oh! sol-tai o po-bre-ri-cho! Deu-sai-o ve-ar! Deu-sai-o ve-ar!

1º e 2º grupo Andante ♩ = 72
(con molta espressione)
U-de-poi Au-flan-do e a-za, ren-dei o ar! For-de o ar! A-deus! a
(con molta)

deus! Vo-ae' vo-ae! De-to-so si-de' A-deus' vo-ae! A-deus' a

Allegro (dellam a: aves)
deus! Vo-ae' vo-ae! De-to-so si-de' A-deus' vo-ae!
Allegro

I: Tempo

AS AVES

Música de Honorato Faustino.

Letra de Thomaz Galhardo.

Andante *meno*

Piano

Canto

Quem de o m-ber- no já vem che-gan- do,

Voa- as a- res, Fu- gin- do em ban- do.

Ar- an- do- ri- nhas, Sem- pre es- sus- ta- das,

rit.

lor- tam os a- res mi- to a- pres- sa- das.

Coro

Bucam a vi-da, To-gem da sor-te, Que lhes re-er-va & in-ve-ros a mor-te.

cleni-mo, fo-ge Da a- gre-ram-cia, Que é o governo Da tua infan- cia.

